NOCTEM.ART



A ZINE DO MÊS

Nº 02

NOVEMBRO DE 2026

com Pablo Murad e Henrique Murad

NESTE NÚMERO

Nº 02
NOVEMBRO DE 2026

ESCREVEM NESTE NÚMERO *Pablo Murad e Henrique Murad*

01 *GG Allin, o punk que ninguém conseguiu domesticar* 3
MUSICA *Pablo Murad*

02 *Ulysses, o dia mais longo de Dublin* 10
GRAMMATICA *Pablo Murad*

03 *Van Gogh, dez anos para pintar uma vida inteira* 18
VITA *Pablo Murad*

04 *Chamber of Reflections, o oculto lido como história* 26
PHILOSOPHIA *Pablo Murad*

05 *Stardew Valley, a fazenda que um homem só plantou* 33
LUDUS *Pablo Murad*

06 *Bad Boy Bubby, o homem que nasceu aos 35 anos* 40
CINEMA *Pablo Murad*

07 *Meu top 10 de cenas do cinema de horror* 49
CINEMA *Henrique Murad*

08 *Emmanuel Santiago, o poeta dos pássaros* 59
GRAMMATICA *Pablo Murad*

09 *O retrato de Dorian Gray, o único romance de Oscar Wilde* 68
GRAMMATICA *Pablo Murad*

10 *Cinema Paradiso, o filme que quase ninguém viu na estreia* 75
CINEMA *Pablo Murad*



MUSICA · ENSAIO

Nº 02 / 01

GG Allin, o punk que ninguém conseguiu domesticar

Ele nasceu Jesus Cristo Allin numa cabana sem luz em New Hampshire e morreu aos 36 anos, depois de um show que durou três músicas. Entre uma coisa e outra, GG Allin levou o punk ao ponto em que quase ninguém teve coragem de segui-lo, e...

01

POR PABLO MURAD

16 DE NOVEMBRO DE 2026

Na noite de 27 de junho de 1993, GG Allin subiu ao palco da The Gas Station, uma casa punk no número 194 da Rua 2 Leste, em Manhattan. O show durou três músicas. Depois disso a confusão tomou conta, e Allin saiu andando pela rua com uma parte da plateia atrás dele. Na madrugada seguinte, estava morto de overdose de heroína, aos 36 anos.

Foi um fim coerente com a vida que ele escolheu. Nenhum outro músico levou o punk tão longe, até o ponto em que o show deixava de ser música e virava risco para todo mundo na sala, inclusive para ele.

JESUS CRISTO ALLIN

Ele nasceu em 29 de agosto de 1956, no hospital de Lancaster, em New Hampshire, e foi registrado como Jesus Christ Allin. O pai, Merle Sr., disse à mulher que Jesus em pessoa tinha aparecido para ele e anunciado que o menino seria um grande homem. O irmão mais velho, Merle Jr., não conseguia pronunciar "Jesus" e chamava o caçula de "Jeje". O apelido virou GG. Mais tarde, a mãe trocou o nome dele para Kevin Michael Allin.

A família morava numa cabana de toras em Groveton, sem água encanada e sem luz elétrica. O pai era um fanático religioso e violento. A mãe, Arleta, pediu o divórcio em 1961, e a família acabou se fixando em East St. Johnsbury, no Vermont, em 1966. Na escola, GG foi para a educação especial, repetiu a terceira série e apanhava por ser diferente. Terminou o ensino médio em 1975, em Concord, no Vermont.

HANK WILLIAMS E OS STOOGES

A música entrou cedo, e pelo lado que pouca gente imagina. Antes do punk vieram Hank Williams, Johnny Cash e Merle Haggard. Depois chegaram as bandas da invasão britânica, Alice Cooper no começo dos anos 1970 e, por fim, o MC5 e os Stooges, que ensinaram a ele que o rock podia ser barulho, suor e perigo.

Com o irmão Merle, ainda adolescente, montou a primeira banda, a Little Sister's Date, que tocava Aerosmith e Kiss e durou pouco mais de um ano. Depois veio a Malpractice, em que GG tocava bateria. De setembro de 1977 a abril de 1984, ele foi o vocalista dos Jabbers, e em 1980 saiu o primeiro disco, *Always Was, Is and Always Shall Be*, pela Orange Records. Ouvido hoje, é um disco de punk rock quase comportado, rápido e cheio de refrão. Ninguém diria que aquele cantor ia virar o homem mais temido do circuito.



Groveton, em New Hampshire, onde GG Allin passou os primeiros anos.

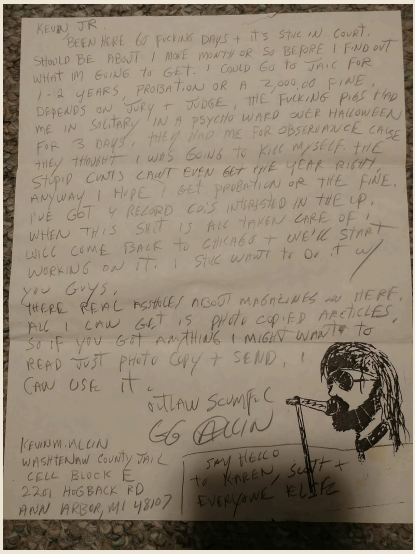
SEM DOMESTICAÇÃO

Em meados dos anos 1980, tudo mudou. Os títulos dos discos já avisavam: *You'll Never Tame Me*, de 1985, "você nunca vai me domesticar". Os shows ficaram mais curtos e mais violentos. Allin se cortava no palco, se jogava na plateia, agredia gente do público e era preso com frequência. Em 1985, num salão de veteranos de guerra em Creve Coeur, no Illinois, ele defecou no palco pela primeira vez, e isso virou parte fixa do espetáculo. Muitos shows terminavam em poucos minutos, com a casa esvaziando ou a polícia chegando.

Quem o admirava via nisso o punk levado até o limite. Numa época em que o rock tinha gravadora, videoclipe e camiseta oficial, Allin fazia shows que nenhuma empresa conseguiria vender.

A PRISÃO

O preço veio no fim de 1989. Em Ann Arbor, no Michigan, Allin foi preso e acusado de agressão com intenção de causar lesão grave contra uma mulher que conhecia. Ele admitiu ter cortado e queimado a vítima, mas disse que ela tinha feito o mesmo com ele, e o juiz apontou contradições no relato dela. No fim, Allin aceitou a acusação reduzida de agressão grave e ficou preso de 25 de dezembro de 1989 a 26 de março de 1991.



Carta escrita por GG Allin na cadeia do condado de Washtenaw, em Ann Arbor, em novembro de 1989.

Na cadeia, escreveu *The GG Allin Manifesto* e as letras do que viria depois. Também manteve uma promessa que fazia desde 1989, numa carta à revista *Maximum RocknRoll*: ele ia se matar no palco num Halloween. Nunca cumpriu. Em todos os Halloweens que vieram depois do anúncio, estava atrás das grades.

OS MURDER JUNKIES

Enquanto ele cumpria pena, uma banda nova ensaiava do lado de fora. Os Murder Junkies se formaram em 1990 com o irmão Merle no baixo, Dino Sex na bateria e Chicken John na guitarra. Em abril de 1993, gravaram o único disco de estúdio com GG, *Brutality and Bloodshed for All*, pela Alive Records, com músicas que ele tinha escrito na prisão.

Naquele mesmo ano, Allin virou atração de programas de auditório da TV americana: apareceu no *Geraldo*, no *Jerry Springer* e no *Jane Whitney*. A entrevista no programa de Jane Whitney, em junho de 1993, foi a última. Diante das câmeras, ele ameaçou matar os próprios fãs.



A Rua 2 Leste, no East Village. A The Gas Station ficava no número 194, na mesma rua.

O COUNTRY

Existe um GG Allin que quase ninguém conhece, e talvez seja o mais subversivo de todos. O homem que espalhava pânico em porão de punk idolatrava Hank Williams e se via como uma alma gêmea dele. O EP *The Troubled Troubador* é todo feito na sombra de Hank, e *Carnival of Excess*, lançado em 1995, depois da morte dele, é um disco de country, o trabalho mais bem acabado que ele deixou.

Ali, a mesma voz que berrava ameaças nos porões canta country. Por trás do personagem que a América adorava odiar, havia um cantor de música caipira que nunca esqueceu de onde vinha. Hank Williams III, neto de Hank, entendeu a ligação e dedicou a ele a música "P.F.F.", de 2008.

A ÚLTIMA NOITE

O show de 27 de junho de 1993 na The Gas Station era para divulgar *Brutality and Bloodshed for All*. Depois de três músicas, a casa virou briga, e Allin levou os fãs para a rua. Terminou a noite no apartamento de um amigo, onde usou heroína. Morreu na madrugada de 28 de junho.

O enterro foi em 3 de julho, no cemitério de St. Rose, em Littleton, em New Hampshire. Ele foi enterrado com a jaqueta de couro, do jeito que subia no



O túmulo no cemitério de St. Rose, em Littleton, em 2007. A lápide foi retirada em 2010.

palco. O túmulo foi vandalizado tantas vezes que a lápide acabou retirada em 2010, depois que um fã a derrubou da base.

ODIADO

No mesmo ano, saiu *Hated: GG Allin and the Murder Junkies*, o documentário de estreia de Todd Phillips, que anos depois dirigiria *Se Beber, Não Case!* e *Coringa*. O filme acompanha a última fase de Allin e virou a porta de entrada de muita gente para a lenda. Em 2017 veio *GG Allin: All in the Family*, sobre como o irmão e a mãe lidam com essa herança. Os Murder Junkies seguiram tocando o repertório dele, com Merle no baixo, e fizeram uma turnê de despedida de 25 anos em 2016. Até um lutador de luta livre, Darby Allin, tirou parte do nome dele.

GG Allin não cabe na palavra herói, e a violência dos shows e da prisão faz parte da história tanto quanto as músicas. Ele levou a ideia de não aceitar regra nenhuma até onde ela podia ir, sem plateia segura, sem gravadora grande e sem volta. ■



O sermão no porão

À maneira de George Grosz

MUSICA · PARA "GG ALLIN, O PUNK QUE NINGUÉM CONSEGUIU DOMESTICAR"



Ulysses, o dia mais longo de Dublin

Um único dia em Dublin, 16 de junho de 1904, contado em quase mil páginas e em dezoito jeitos diferentes de escrever. Ulysses, de James Joyce, tem fama de ilegível. A sinopse, as manias, as curiosidades e um caminho para ler o livro sem se...

02

POR PABLO MURAD

16 DE NOVEMBRO DE 2026

Ulysses aparece no topo de quase toda lista de maiores romances do século XX. A *Time*, a Modern Library e a *Folha de S.Paulo* já o colocaram em primeiro lugar. Também é, provavelmente, o livro mais abandonado da história: muita gente compra, começa, empaca na terceira parte e devolve à estante com um misto de culpa e alívio.

O próprio Joyce sabia o que estava fazendo. Ele disse que tinha posto tantos enigmas e quebra-cabeças no livro que os professores iam passar séculos discutindo o que ele quis dizer. Acertou. Mas, por baixo de tudo isso, a história é simples, quase banal, e é aí que começa a graça.

UM ÚNICO DIA

O livro inteiro se passa em Dublin, em 16 de junho de 1904, uma quinta-feira, e entra um pouco pela madrugada seguinte. A data não é aleatória. Foi o dia em que Joyce saiu para passear pela primeira vez com Nora Barnacle, a camareira de Galway que viria a ser a mulher dele.

Joyce começou a escrever em 1914 e só terminou em 1921, depois de sete anos, morando fora da Irlanda. O livro saiu em Paris em 2 de fevereiro de 1922, dia do aniversário de 40 anos dele, pela Shakespeare and Company, a livraria de Sylvia Beach. Foram mil exemplares numerados, impressos em Dijon.

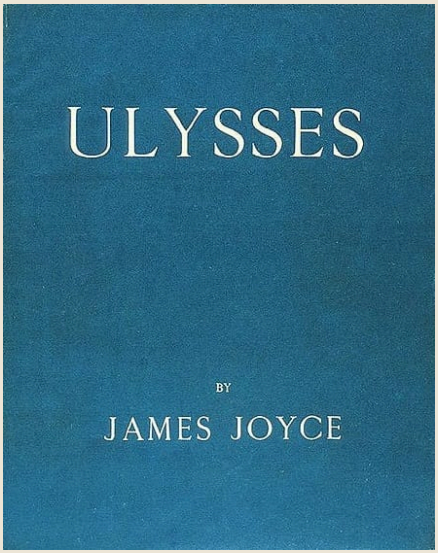
Hoje o 16 de junho é feriado informal para os leitores de Joyce no mundo todo: o Bloomsday. O primeiro de verdade foi em 1954, nos 50 anos da data. Um grupo de escritores irlandeses, entre eles Flann O'Brien e o poeta Patrick Kavanagh, saiu de carruagem para refazer o percurso do livro por Dublin. Flann O'Brien já estava bêbado antes da partida, o grupo se perdeu em pubs que nem aparecem no romance e o passeio nunca terminou.

A HISTÓRIA

São três personagens principais.

Stephen Dedalus é um jovem professor e aspirante a poeta, cheio de culpa porque se recusou a rezar ao lado da mãe quando ela estava morrendo. Ele já tinha aparecido em *Retrato do artista quando jovem* e é, em boa parte, o próprio Joyce aos 22 anos. O livro começa com ele no alto de uma torre Martello à beira-mar, em Sandycove, onde mora com o debochado Buck Mulligan.

Leopold Bloom é o coração do livro. Tem 38 anos, vende espaço para anúncios em jornal, é filho de um imigrante judeu húngaro e vive meio de fora numa Dublin católica que nunca o aceita de todo. É curioso, gentil, um



A primeira edição, publicada em Paris pela Shakespeare and Company em 2 de fevereiro de 1922.



A torre Martello de Sandycove, onde o livro começa. Joyce dormiu ali seis noites em 1904.

pouco ridículo e muito humano. E sabe que, às quatro da tarde daquele dia, a mulher dele vai receber o amante em casa.

Molly Bloom é essa mulher, uma cantora de concertos. Ela passa quase o livro inteiro fora de cena e fica com a última palavra.

O dia de Bloom é feito de coisas miúdas. Ele frita um rim de porco no café da manhã, vai ao enterro de um conhecido, Paddy Dignam, passa na redação de um jornal, compra um sabonete de limão numa farmácia e almoça um sanduíche de gorgonzola com um copo de borgonha no Davy Byrne's. Num pub, discute com um nacionalista raivoso conhecido só como o Cidadão e precisa fugir de uma lata de biscoito atirada na direção dele. À noite, termina no bairro dos bordéis, onde cruza de vez com Stephen, que está bêbado e metido em confusão. Bloom cuida dele como um pai e o leva para casa.

Contado assim, parece pouco. Não acontece nenhum crime, nenhuma guerra, nenhuma grande revelação. Joyce pegou um dia comum de um homem comum e o tratou com a ambição de um épico.

A ODISSEIA ESCONDIDA

O título avisa. Ulisses é o nome latino de Odisseu, o herói de Homero que leva dez anos para voltar da Guerra de Troia para casa. O livro de Joyce tem



O Davy Byrne's, onde Bloom almoça um sanduíche de gorgonzola com um copo de borgonha.

dezoito episódios, e cada um corresponde a um trecho da *Odisseia*. Bloom é Ulisses, Stephen é Telêmaco, o filho que procura o pai, e Molly é Penélope, a esposa que espera.

Só que tudo vem invertido. A Penélope de Joyce não é fiel, e o Ulisses dele não mata os pretendentes. Ele volta para casa, encontra as marcas do outro na cama e decide não fazer nada. O ciclope de um olho só vira o Cidadão de visão estreita, e as sereias viram duas garçonetes de bar.

Os títulos homéricos dos episódios (Telêmaco, Calipso, Hades, Ciclope, Penélope e os outros) nem aparecem no livro. Joyce os passou em tabelas, os chamados esquemas, que mandou a um amigo italiano, Carlo Linati, e depois ao crítico Stuart Gilbert. Neles, cada episódio ganha, além do paralelo homérico, um órgão do corpo, uma cor, uma arte e uma técnica. É o tipo de coisa que explica por que os professores nunca mais tiveram descanso.

CADA CAPÍTULO FALA UMA LÍNGUA

É aqui que *Ulysses* fica difícil, e também onde fica genial. Joyce muda o jeito de escrever a cada episódio.

O livro abre num estilo quase normal, mas logo mergulha no fluxo de consciência: em vez de contar o que o personagem pensa, o texto despeja os pensamentos do jeito que eles vêm, pela metade, misturados com o que ele vê e ouve. No episódio passado na redação do jornal, a narrativa é picotada por manchetes. No do bar do Ormond Hotel, a prosa é escrita como uma peça musical, uma fuga, cheia de sons e repetições.

No episódio da maternidade, que acompanha um parto, Joyce imita a história inteira da prosa inglesa, do latim e do anglo-saxão até a gíria do começo do século XX, em nove partes que espelham os nove meses da gestação. A noite no bairro dos bordéis vem escrita como peça de teatro, com rubricas e alucinações. O penúltimo episódio é um catecismo de 309 perguntas e respostas, frio como um relatório. E o último é o monólogo de Molly, deitada na cama: oito parágrafos enormes, sem pontuação, que terminam com a palavra “sim”.

PROIBIDO

Antes de virar livro, *Ulysses* saiu em capítulos na revista americana *The Little Review*, entre 1918 e 1920. O episódio da praia de Sandymount, em que Bloom observa uma moça chamada Gerty MacDowell, levou a revista

a um processo por obscenidade, e o julgamento de 1921 a condenou. Na prática, o livro ficou proibido nos Estados Unidos por mais de uma década.

A virada veio em 1933, quando o juiz John Woolsey decidiu que o livro não era obsceno, num caso montado pela Random House para poder publicá-lo. A edição americana autorizada saiu em 1934. No Reino Unido, a primeira edição só apareceu em 1936. Na Irlanda, o livro era tão malvisto que, mesmo no primeiro Bloomsday, em 1954, ainda era recebido com desconfiança nos portos.

COMO LER SEM DESISTIR

Não existe um jeito certo, mas alguns ajudam muito.

Primeiro, não leia sozinho. Em português, o melhor companheiro é *Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce*, de Caetano Galindo, lançado em 2016. Ele passa episódio por episódio, explica o que está acontecendo e o que Joyce está aprontando com a linguagem. Ler o resumo de um episódio antes de começar o episódio tira o medo de se perder.

Segundo, aceite que você não vai entender tudo. Ninguém entende. Os especialistas discutem certas frases há cem anos. O livro funciona como uma cidade: dá para atravessar Dublin sem conhecer cada beco, e ainda assim voltar dizendo que conheceu Dublin.

Terceiro, leia em voz alta quando travar. Joyce escrevia para o ouvido, e muita passagem que parece confusa no papel faz sentido quando é falada, principalmente o episódio do bar e o monólogo final.

Por fim, siga o Bloom. Quando o livro parecer só jogo de linguagem, volte a ele. *Ulysses* é, antes de tudo, o retrato de um homem gentil num dia ruim, que perdeu um filho, sabe que a mulher o trai, é zombado pela cidade e ainda assim vai dormir sem rancor. Por baixo de toda a erudição, é um livro sobre como uma vida comum tem tanto peso quanto a de qualquer herói.

NO BRASIL

O leitor brasileiro tem três traduções para escolher. A pioneira é a de Antônio Houaiss, de 1966. A segunda, de Bernardina da Silveira Pinheiro, saiu em 2005 pela Objetiva. A mais recente é a de Caetano Galindo, de 2012, pela Penguin-Companhia, que ganhou o Jabuti, o prêmio da APCA e o da Academia Brasileira de Letras. Houaiss e Bernardina chamaram o livro de *Ulisses*. Galindo manteve *Ulysses*, com y, como no original.

Cada uma toma um caminho diferente diante dos trocadilhos e das invenções de Joyce, e vale folhear as três antes de escolher. Para quem quer



A farmácia Sweny's, em Dublin, onde Bloom compra um sabonete de limão. Ela ainda existe.

só começar, a de Galindo, junto com o guia dele, é a porta de entrada mais amigável.

Cem anos depois, *Ulysses* continua com fama de muralha. Quem atravessa descobre que, do outro lado, tem um homem fritando um rim de manhã, uma mulher pensando na cama de madrugada e uma cidade inteira entre os dois. ■



A odisseia do chapéu-coco

À maneira de Harry Clarke

GRAMMATICA · PARA "ULYSSES, O DIA MAIS LONGO DE DUBLIN"



Van Gogh, dez anos para pintar uma vida inteira

Vincent van Gogh só começou a pintar de verdade aos 27 anos e morreu aos 37. Nesse intervalo, fez cerca de 2.100 obras, quase não vendeu nada e escreveu mais de 600 cartas ao irmão. A vida e a obra do pintor que transformou a própria dor...

03

POR PABLO MURAD

16 DE NOVEMBRO DE 2026

Vincent van Gogh pintou durante pouco mais de dez anos. Nesse tempo, fez cerca de 2.100 obras, umas 860 delas a óleo. Em vida, vendeu quase nada. Hoje, é difícil achar uma casa no mundo onde ele não tenha entrado, seja num pôster de girassóis, numa caneca com a noite estrelada ou num ímã de geladeira. Poucos artistas foram tão ignorados vivos e tão amados depois.

A vida dele foi curta, pobre, doente e quase toda solitária. Mesmo assim, a pintura que saiu dela é cheia de luz.

O SEGUNDO VINCENT

Ele nasceu em 30 de março de 1853, em Groot-Zundert, um vilarejo no sul da Holanda. O pai, Theodorus, era pastor da Igreja Reformada Holandesa. Exatamente um ano antes, a mãe tinha dado à luz um menino natimorto, também chamado Vincent. O pintor cresceu carregando o nome do irmão morto.

Aos 16 anos, foi trabalhar na Goupil & Cie, uma firma de comércio de arte, primeiro em Haia, depois em Londres, a partir de 1873, e em Paris, a partir de 1875. Durou pouco: um ano depois de chegar a Paris, foi demitido. Tentou então seguir o pai. Em janeiro de 1879, virou missionário entre os mineiros de carvão do Borinage, na Bélgica, e se entregou de tal jeito à pobreza deles que a própria igreja o dispensou, acusando-o de rebaixar a dignidade do sacerdócio.

Foi ali, sem emprego e sem rumo, que ele decidiu ser artista. Começou a desenhar a sério em 1880, aos 27 anos, e a pintar em 1881.

THEO

Nada disso teria sido possível sem Theo, o irmão quatro anos mais novo. Theo trabalhava com arte em Paris e, durante toda a carreira de Vincent, mandou dinheiro, tinta, telas e apoio. Os dois trocaram cartas de 1872 até 1890. Sobraram mais de 600 cartas de Vincent para Theo, e é por elas que conhecemos o pintor por dentro: o que ele lia, o que estava tentando fazer em cada quadro, as cores que queria, o medo e a esperança.

Essas cartas são, elas mesmas, uma obra-prima. Vincent escrevia como pintava, com urgência e sem disfarce.

OS COMEDORES DE BATATA

A partir de dezembro de 1883, ele morou com os pais em Nuenen, também na Holanda. Pintava camponeses, tecelões, campos e mãos calejadas, em



Os Comedores de Batata (1885), a primeira grande obra dele, pintada em Nuenen.

tons de terra escuros, quase sem cor. Em maio de 1885, terminou *Os Comedores de Batata*, a primeira obra importante dele: uma família de camponeses em volta da mesa, comendo as batatas que eles mesmos plantaram, sob a luz fraca de um lampião.

É um quadro feio de propósito. Os rostos são ossudos, as mãos parecem raízes. Vincent queria que a pintura tivesse cheiro de terra e de toucinho, e não a delicadeza dos salões.

PARIS E A EXPLOSÃO DA COR

Em março de 1886, depois de uma passagem pela academia de Antuérpia, ele se mudou para Paris e foi morar com Theo. Foram dois anos que mudaram tudo. Ali ele conheceu os impressionistas e os neoimpressionistas, viu de perto as pinceladas soltas e os pontinhos de cor, e a paleta dele clareou de vez.

Outra paixão nasceu em Paris: as gravuras japonesas. Vincent juntou centenas de estampas ukiyo-e, copiou algumas a óleo e aprendeu com elas as cores chapadas, os contornos fortes e os enquadramentos ousados. Uma das cópias mais famosas é a de uma ponte sob a chuva, de Hiroshige. Daí a pintura da galeria deste ensaio, uma ponte de Arles sob a chuva à maneira de Hiroshige, numa troca de mão dupla entre os dois.



Terraço do Café à Noite (1888), em Arles.



O Quarto (1888), o quarto dele na Casa Amarela.

ARLES, A CASA AMARELA

Em fevereiro de 1888, cansado de Paris, ele foi para Arles, no sul da França, atrás da luz do Mediterrâneo. Ali viveu o período mais produtivo e mais famoso da vida. Pintou os pomares em flor, as noites, os cafés, os campos de trigo, a ponte, os retratos dos vizinhos. Em maio, alugou a Casa Amarela e sonhou transformá-la num ateliê do sul, onde vários pintores pudessem trabalhar juntos.

Ele pintou o próprio quarto na casa, com a cama de madeira amarela e as paredes azuis, e gostou tanto do resultado que fez mais duas versões. Quando soube que Paul Gauguin aceitara vir morar com ele, pintou uma série de girassóis para enfeitar o quarto do amigo.

GAUGUIN E A NOITE DE DEZEMBRO

Gauguin chegou em 23 de outubro de 1888. Os dois pintaram juntos, discutiram arte sem parar e brigaram cada vez mais. Na noite de 23 de dezembro, depois de uma discussão, Vincent cortou toda ou parte da orelha esquerda com uma navalha e a entregou a uma mulher num bordel da cidade. Foi encontrado desacordado na manhã seguinte e nunca se lembrou do que tinha feito. Gauguin foi embora de Arles e os dois nunca mais se viram.

Ninguém sabe ao certo qual era a doença de Vincent. Já se falou em transtorno bipolar, em porfiria e em epilepsia do lobo temporal, e a fome, o excesso de trabalho, a insônia e o álcool certamente pioravam tudo. O que

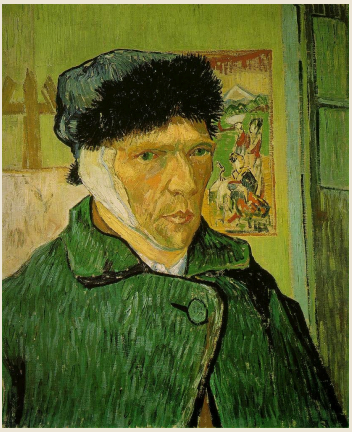


Girassóis (1888), uma das telas que ele pintou para enfeitar o quarto de Gauguin na Casa Amarela.

se sabe é que ele tinha crises fortes e, entre uma e outra, longos períodos de lucidez, em que pintava sem parar.

SAINT-RÉMY E A NOITE ESTRELADA

Depois de novas internações em Arles, ele se internou por vontade própria no asilo de Saint-Paul-de-Mausole, em Saint-Rémy-de-Provence, em 8 de maio de 1889. Ficou um ano lá. Pintava os jardins do asilo, os ciprestes, as oliveiras e a paisagem que via da janela. Foi ali que nasceu *A Noite Estrelada*,



Autorretrato com a Orelha Enfaixada (1889), pintado semanas depois da crise de dezembro.



A Noite Estrelada (1889), pintada em Saint-Rémy, a partir da janela do quarto no asilo.



Amendoeira em Flor (1890), presente para o sobrinho recém-nascido, que recebeu o nome dele.

com o céu em redemoinhos sobre uma aldeia adormecida e um cipreste subindo como uma chama escura.

Em janeiro de 1890, Theo teve um filho e deu a ele o nome do irmão: Vincent Willem. O tio, internado, pintou de presente para o bebê galhos de amendoeira em flor contra um céu azul. É um dos quadros mais serenos que ele fez, e foi pintado no lugar mais difícil.

SETENTA DIAS EM AUVERS

Em maio de 1890, ele se mudou para Auvers-sur-Oise, perto de Paris, para ficar sob os cuidados do doutor Paul Gachet, médico e amigo de artistas. Pintou num ritmo assombroso: cerca de setenta telas a óleo em mais ou menos setenta dias. Campos de trigo, a igreja da vila, casas de palha, o próprio Gachet. Foi também nesse ano que ele vendeu *A Vinha Vermelha* para a pintora Anna Boch, uma das raríssimas vendas da vida dele.

Em 27 de julho de 1890, Vincent foi ferido por um tiro de revólver no peito, num campo de trigo ou num celeiro perto da vila; a versão aceita é que ele mesmo disparou. Morreu dois dias depois, em 29 de julho, aos 37 anos, com Theo ao lado. Segundo Theo, as últimas palavras dele foram “la tristesse durera toujours”, a tristeza vai durar para sempre.

JOHANNA, A GUARDIÃ

Theo, já doente, morreu seis meses depois, em 25 de janeiro de 1891. Quem salvou a obra de Vincent do esquecimento foi a viúva de Theo, Johanna van Gogh-Bonger. Ela ficou com centenas de quadros que ninguém queria,



Campo de Trigo com Corvos (1890), de Auvers-sur-Oise.

organizou exposições, vendeu com paciência e publicou as cartas dos dois irmãos, a maior parte delas em 1914. Naquele mesmo ano, levou o corpo de Theo para Auvers, para que os dois descansassem lado a lado.

A fama veio devagar e depois não parou mais. No começo do século XX, os expressionistas alemães e os fauvistas franceses já viam em Van Gogh um pai. Hoje ele é um dos pintores mais conhecidos e mais caros da história.

O QUE VER NELE

A primeira coisa é a pincelada. Van Gogh não esconde o pincel: cada traço fica visível, grosso, com direção própria, como se a tinta ainda estivesse se mexendo. O céu gira, o trigo ondula, os ciprestes sobem como fogo. A segunda é a cor. Ele carregava no amarelo, no azul e no verde muito além do que a paisagem mostrava, e por isso as cores dele parecem mais vivas do que as do mundo.

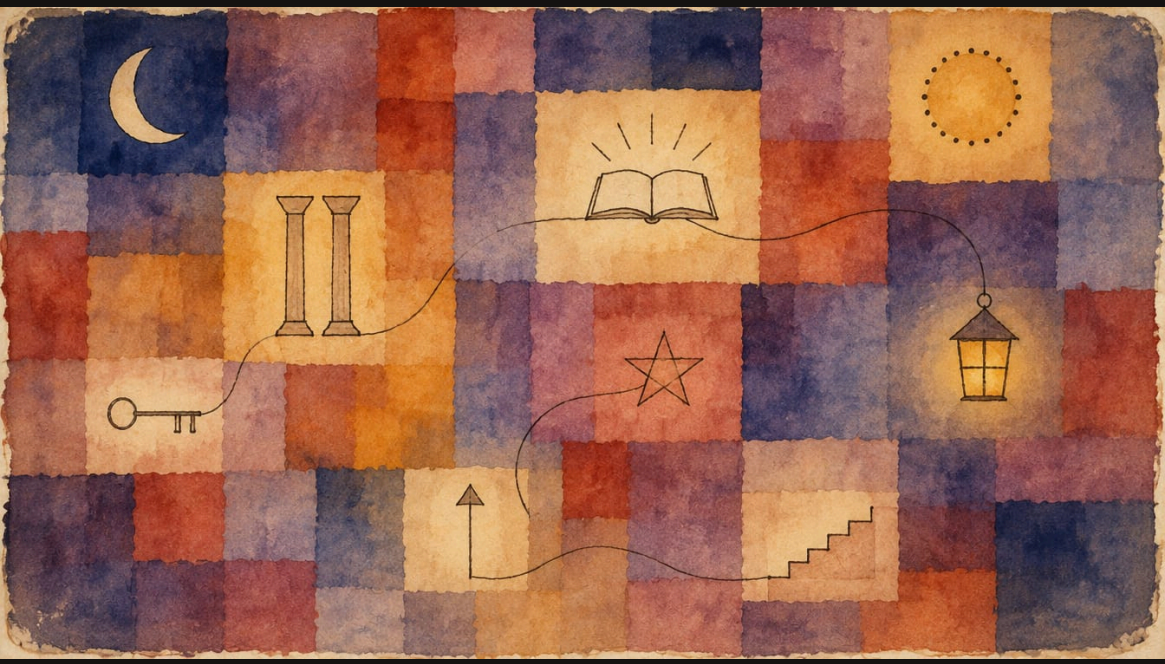
A terceira é o olhar para as coisas pequenas. Um par de botinas velhas, uma cadeira, uma cama, um vaso de flores murchando, um carteiro, um campo comum de trigo. Ele passou a vida pintando o que ninguém achava digno de quadro.

Vincent van Gogh morreu achando que tinha fracassado. Deixou duas mil obras, seiscentas cartas e um jeito novo de olhar para o mundo. ■



A ponte de Arles sob a chuva
À maneira de Utagawa Hiroshige

VITA · PARA “VAN GOGH, DEZ ANOS PARA PINTAR UMA VIDA INTEIRA”



PHILOSOPHIA · ENSAIO

Nº 02 / 04

Chamber of Reflections, o oculto lido como história

O pablo.space é um blog sobre a história do esoterismo: Cabala, hermetismo, alquimia, bruxaria, maçonaria, anjos e demônios. Nada de feitiço ou ritual. Cada texto trata o oculto como documento, com fonte, contexto e as lendas desmontadas...

04.

POR PABLO MURAD

16 DE NOVEMBRO DE 2026

Na internet, o oculto costuma chegar de dois jeitos. Ou vem como receita, com feitiço de amor, ritual de lua cheia e cristal à venda no fim da página, ou vem como piada, com alguém rindo de quem acredita. Sobra pouco espaço para quem quer só entender de onde essas ideias saíram, quem escreveu cada livro e por que certos símbolos atravessaram séculos sem perder a força.

O pablo.space fica nesse espaço. É o blog de Pablo Murad, um dos autores do noctem.art, e se chama Chamber of Reflections. Desde junho de 2026 ele publica ensaios longos, em inglês, sobre a história do esoterismo ocidental e das tradições vizinhas: Cabala, hermetismo, gnosticismo, alquimia, bruxaria, maçonaria, vodu, anjos e demônios. Até 16 de novembro eram 33 textos, de Hermes Trismegisto a Marie Laveau.

UMA CÂMARA COM DUAS COLUNAS

O nome já explica bastante. Na maçonaria, a câmara de reflexão é a salinha onde o candidato espera sozinho, pensando, antes de ser iniciado. O blog pega emprestado esse lugar e boa parte do vocabulário que vem com ele. No topo da página ficam o esquadro e o compasso com a letra G e a inscrição *Nosce te ipsum*, o "conhece-te a ti mesmo" do templo de Delfos, em latim. Nas margens, quase apagadas, as letras J∴ e B∴ lembram Jaquim e Boaz, as



A página inicial do pablo.space, em novembro de 2026.

duas colunas que a Bíblia põe na entrada do Templo de Salomão. A frase de abertura fala com o Venerável Mestre, o título de quem preside uma loja: já é meia-noite, e o trabalho continua lá dentro.

O desenho do site acompanha a ideia. Fundo cor de pergaminho, moldura dupla em vermelho, versaletes nos títulos e capitulares na primeira letra de cada texto, como num livro antigo impresso com cuidado. Na lista de posts, cada data vem marcada com o símbolo de um dos sete planetas da astrologia antiga, que seguem a velha correspondência com os dias da semana: a Lua para a segunda, Marte para a terça, Saturno para o sábado. Onde outros sites avisam quantos minutos dura a leitura, o pablo.space escreve *Lectio*.

Não há anúncio, pop-up nem vídeo tocando sozinho. Tem busca, feed RSS, assinatura por e-mail e um jeito de responder ao autor por e-mail no fim de cada texto. É a internet pequena, feita à mão, que o noctem.art também tenta ser.

ESCRITO COMO HISTORIADOR

O que separa o pablo.space da maior parte do que se encontra sobre esses assuntos é uma decisão que se repete em quase todo ensaio. No texto sobre John Dee, o matemático que aconselhava Elizabeth I e passou sete anos anotando conversas com anjos, o autor avisa logo no começo que escreve como historiador e não como praticante: ali não há invocações, tabelas para copiar nem instruções para olhar dentro de pedra nenhuma. Quando chega às chamadas angélicas que Dee recebeu, ele se recusa a reproduzi-las. A justificativa é seca. Elas não são perigosas, mas naquele blog são documentos.

O cuidado aparece nos detalhes. Toda imagem é de domínio público e vem com legenda completa, com autor, obra, data, técnica, acervo e o lugar de onde foi tirada: Wikimedia Commons, Wellcome Collection, British Library, Internet Archive. A legenda do quadro de Henry Gillard Glindoni que abre o texto sobre Dee conta até que um raio X feito em 2015 mostrou que o pintor tinha colocado um círculo de crânios em volta do mago e depois pintou por cima. O leitor sabe sempre de onde vem cada coisa, e consegue ir atrás dela sozinho.

DESMONTAR A LENDA TAMBÉM É ESTUDAR

Boa parte do trabalho do blog é separar o documento da lenda que cresceu em volta dele. O ensaio sobre Dee termina desfazendo a história de que ele assinava as cartas à rainha como “007”, ideia que vem de um livro de 1968



O começo do ensaio sobre John Dee, com a pintura de Glindoni e a legenda completa da fonte.

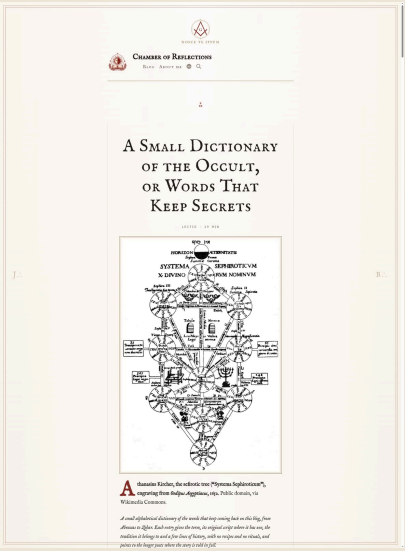
cujo autor tinha o costume de inventar fontes. O texto sobre Baphomet mostra que o bode de chifres foi desenhado por Éliphas Lévi em 1856 e que a carreira dele dentro da maçonaria foi uma farsa armada por Léo Taxil, que confessou tudo em Paris em 1897. O *Caibalion*, que muita gente lê como sabedoria do antigo Egito, aparece como um livro publicado em 1908, bem mais próximo do Novo Pensamento americano do que dos textos herméticos antigos. A Wicca é tratada como uma religião do século XX com fontes mais velhas, e não como a sobrevivência intacta de uma fé pré-histórica.

Nada disso é feito com desprezo. O tom continua respeitoso com quem acreditou, às vezes até terno. A conclusão sobre Dee é que ele não queria comandar os anjos, queria aprender com eles.

UM DICIONÁRIO QUE NÃO É MANUAL

Para quem chega sem saber nada, a melhor porta de entrada é o Small Dictionary of the Occult. São verbetes em ordem alfabética, de Abraxas a Zohar, cada um com a grafia original quando ela existe, em hebraico ou grego, a tradição a que a palavra pertence e algumas linhas de história. Quando o assunto já rendeu um ensaio inteiro no blog, o verbete aponta para ele.

A apresentação do dicionário resume o projeto. Ela avisa que aquilo não é um manual e que nada ali ensina a fazer coisa alguma: cada verbete conta de



O Small Dictionary of the Occult abre com a árvore sefirótica de Athanasius Kircher, de 1652.

onde a palavra veio, quem a usou e quando ela mudou de mãos. Os termos privados da maçonaria ficam de fora, e entram só os que já são públicos. A pergunta que fecha o texto é a mesma que atravessa o blog inteiro: de quem era essa palavra antes de ser nossa?

Ela pesa mais do que parece. Uma mesma palavra muda de sentido quando passa de um livro hebraico medieval para um laboratório da Renascença, uma loja vitoriana ou um coven do século XX. A árvore da vida da Cabala judaica não é a mesma da Cabala cristã de Pico della Mirandola, que também não é a da Golden Dawn. O pablo.space insiste em separar essas camadas, e é aí que a leitura vira estudo.

PARA CONHECER

O pablo.space serve para conhecer. Ninguém sai de lá sabendo fazer um ritual, porque o blog nunca ensina um. Ler sobre grimórios, anjos e demônios é o que historiadores das religiões, antropólogos e estudiosos de literatura fazem há muito tempo, e o esoterismo ocidental virou campo de pesquisa nas universidades.

Esse vocabulário também ajuda a ler arte. Muita coisa que o noctem.art comenta nasceu desse mesmo caldo: os poemas de W. B. Yeats, que foi membro da Golden Dawn, as gravuras de William Blake, o quadrado mágico

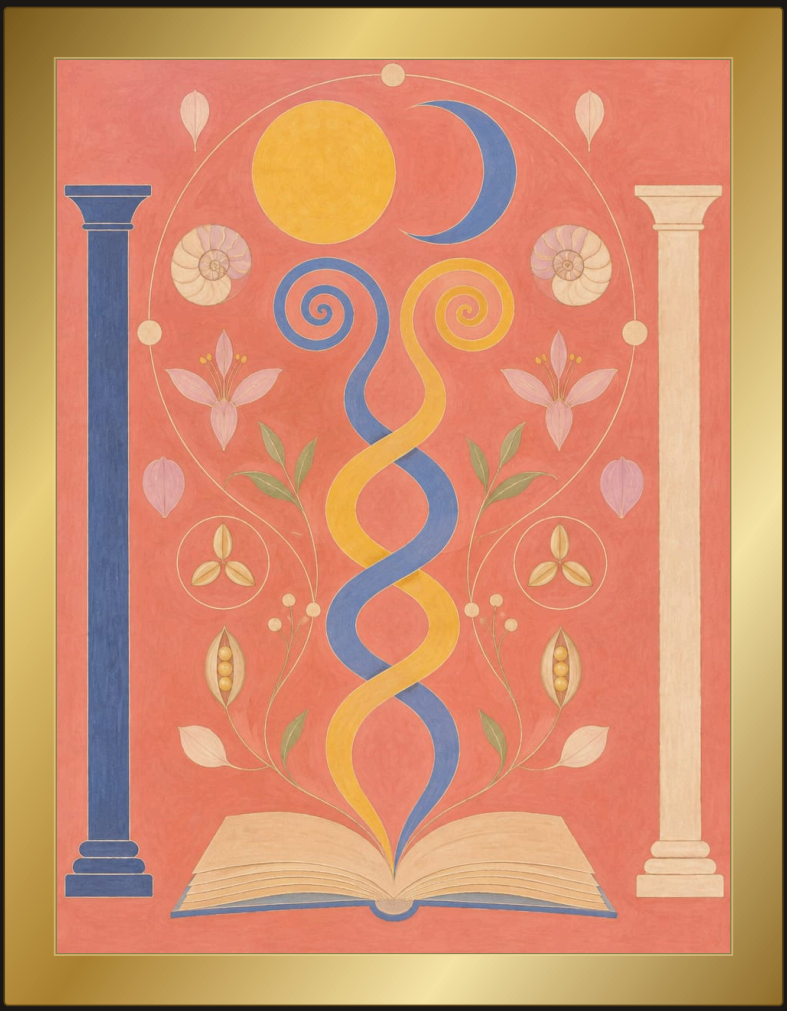
da *Melencolia I* de Dürer, o cinema de horror inteiro. Quem conhece a origem de um pentagrama, de uma árvore sefirótica ou de um Baphomet olha para um quadro, um filme ou a capa de um disco de metal com outros olhos. O próprio blog faz essa ponte em duas listas de filmes, as *Gems of the Occult Cinema*.

Pablo gosta desses assuntos desde que se entende por gente, e eles dividem espaço na vida dele com a fotografia, o cinema e a programação. O blog tem a cara de quem estuda por gosto: textos longos, sem pressa e sem a obrigação de agradar ninguém.

POR ONDE COMEÇAR

- John Dee, or the Man Who Wanted to Speak with Angels, para ver o método completo num texto só: documento, contexto, lenda e o que os séculos seguintes fizeram com tudo isso.
- A série *Pill*, em cinco partes, que começa em Pill I: In the Beginning… e segue Lilith pelo Zohar e pelas tigelas de encantamento até chegar a Samael.
- Baphomet, or the Goat That Never Entered the Lodge, para quem gosta de ver uma farsa ser desmontada peça por peça.
- Gems of the Occult Cinema, o caminho mais curto entre o pablo.space e o que se faz aqui no noctem.art.

Os próximos textos devem trazer também causos, histórias da crença popular brasileira, e isso vai aproximar a câmara do país de quem a escreve. Quem quiser acompanhar pode assinar por e-mail ou seguir o feed RSS. ■



A câmara do livro aberto
À maneira de Hilma af Klint

PHILOSOPHIA · PARA "CHAMBER OF REFLECTIONS, O OCULTO LIDO COMO HISTÓRIA"



Stardew Valley, a fazenda que um homem só plantou

Um rapaz que trabalhava como lanterninha num teatro de Seattle passou anos programando, desenhando e compondo sozinho um jogo de fazenda. Dez anos depois, Stardew Valley passou de 50 milhões de cópias, continua recebendo atualizações de…

05

POR PABLO MURAD

16 DE NOVEMBRO DE 2026



Uma fazenda na primavera, com a casa, o poço, a horta e o espantalho. Imagem: ConcerneAPe, kit de imprensa de Stardew Valley.

O jogo começa num escritório cinza. Um funcionário da Joja Corporation, uma megaempresa sem rosto, abre uma carta deixada pelo avô antes de morrer. Dentro dela está a escritura de uma fazenda velha num lugar chamado Stardew Valley, perto de uma cidadezinha chamada Pelican Town. Na cena seguinte, o personagem já largou a mesa, a tela e o crachá, e está diante de um terreno tomado por mato, pedra e tronco caído, com algumas ferramentas usadas e um punhado de moedas.

Stardew Valley saiu em 26 de fevereiro de 2016. Dez anos depois, o jogo ainda me impressiona, e por três motivos que andam juntos: ele foi feito por uma pessoa só, continua crescendo de graça e tem um ritmo que quase nenhum outro jogo tem coragem de ter.

UM LANTERNINHA EM SEATTLE

Eric Barone se formou em ciência da computação na Universidade de Washington, em Tacoma, em 2011. Não conseguiu emprego na indústria de games e foi trabalhar como lanterninha no Paramount Theatre, em Seattle. Nas horas vagas, começou a programar um jogo para treinar o que tinha aprendido e para juntar o lado de programador com o lado artístico.

A ideia era fazer uma alternativa moderna, feita por fã, aos jogos da série *Harvest Moon*, que ele achava que tinham piorado depois de *Harvest*

Moon: Back to Nature. O projeto se chamou primeiro *Sprout Valley*. Barone o anunciou em setembro de 2012, sob o apelido de ConcernedApe.

O que veio depois virou lenda entre quem faz jogos. Pelas contas do site oficial, foram cerca de quatro anos de trabalho solitário, e nesse tempo Barone aprendeu sozinho tudo o que o jogo pedia: a programação, a arte em pixel, a música, os efeitos sonoros, o roteiro, o design. Desenhava no Paint.NET e compunha no Reason. A editora britânica Chucklefish entrou em 2013 para cuidar da parte que não era desenvolvimento, como a hospedagem do site. Barone recusou vender o jogo antes de ele estar pronto e não quis lançar em acesso antecipado.

Quando saiu, vendeu cerca de 425 mil cópias nas duas primeiras semanas e passou de 1 milhão em dois meses.

A VIDA NO VALE

Quem nunca jogou pode imaginar *Stardew Valley* como um simulador de fazenda, e ele é isso, mas o mundo vai bem além da horta. O ano tem quatro estações de 28 dias, cada uma com suas plantas, seus peixes e seus festivais. Dá para pescar, cavar uma mina cheia de monstros, cozinhar, criar galinhas e vacas, montar máquinas, conhecer os mais de 30 moradores da cidade e casar com um dos 12 solteiros e solteiras, sem distinção de gênero.



O Mercado Noturno, festival de inverno com barcos iluminados no cais de Pelican Town. Imagem: ConcernedApe, kit de imprensa de Stardew Valley.

No centro de tudo há uma escolha. O Centro Comunitário da cidade está em ruínas, e o jogador pode restaurá-lo juntando colheitas, peixes e minérios em pequenos pacotes de oferenda. Ou pode pagar à Joja, que transforma o prédio num depósito. Muita gente lê *Stardew Valley* como uma crítica à vida corporativa, e é difícil não ler: o jogo começa com alguém fugindo de uma empresa e oferece, como caminho principal, reconstruir a vida em comunidade.

O RITMO E A CALMA

Uma das coisas que mais me impressionam em *Stardew Valley* é o tempo. Nada no jogo tem pressa. Não há como perder, não há chefão esperando no fim de cada semana, ninguém cobra resultado. Os dias têm hora para acabar, e se o fazendeiro passar das duas da manhã acordado ele desmaia onde estiver, mas o dia seguinte sempre vem. O jogador escolhe se vai regar a horta, pescar no rio, conversar com a vizinha ou simplesmente andar pela cidade vendo as estações mudarem.

Esse ritmo é uma decisão de design, e das mais difíceis. A maioria dos jogos de hoje é construída para prender: notificações, recompensas diárias, medo de ficar para trás. *Stardew Valley* não tem nada disso e mesmo assim prende, porque o que segura o jogador é a vontade de ver a plantação crescer e de saber o que vai acontecer com aquelas pessoas. Barone deixou o jogo



Uma fazenda no outono, com abóboras, galinhas e uma fogueira acesa ao entardecer. Imagem: ConcernedApe, kit de imprensa de Stardew Valley.

propositalmente aberto, sem uma única forma certa de jogar, e não incluiu abate de animais. A música dele acompanha cada estação e virou turnê de concertos com orquestra, a *Festival of Seasons* e depois a *Symphony of Seasons*.

DEZ ANOS DE PRESENTES

O segundo motivo é o que veio depois do lançamento. Em 2016, *Stardew Valley* já era um jogo completo. Mesmo assim, as atualizações não pararam. A primeira trouxe novos mapas de fazenda e novas opções de casamento. A segunda acrescentou idiomas, entre eles o português do Brasil. Em 2018 chegou o modo multijogador, para até quatro pessoas na mesma fazenda. A partir da quarta atualização, Barone montou uma equipe pequena para ajudar. Em março de 2024, a versão 1.6 encheu o jogo de coisa nova, a ponto de o site IGN, que tinha dado 8,8 em 2016, dar 10.

Nenhuma dessas atualizações custou um centavo para quem já tinha o jogo. Em julho de 2024, quando um fã comentou que ninguém reclamaria enquanto tudo continuasse de graça, Barone respondeu jurando pela honra do nome da família que nunca cobraria por uma DLC ou atualização enquanto vivesse, e pediu que as pessoas guardassem a mensagem para cobrá-lo se ele quebrasse a promessa. Numa indústria que vende pedaço por pedaço, passe de temporada e item cosmético, isso é raro de verdade.



Quatro fazendeiros juntos perto de um lago, no modo multijogador que chegou de graça em 2018. Imagem: ConcernedApe, kit de imprensa de Stardew Valley.

E não acabou. No aniversário de dez anos, em fevereiro de 2026, ele confirmou a versão 1.7, com dois novos candidatos a casamento, o ferreiro Clint e Sandy, a dona da loja do deserto. Depois, num concerto da turnê Symphony of Seasons no anfiteatro de Red Rocks, no Colorado, noticiado no começo de novembro de 2026, disse ao público que a 1.7 caminha para ser a maior atualização da história do jogo. A previsão é que saia em 2027.

CINQUENTA MILHÕES DE FAZENDAS

O jogo que nasceu nas folgas de um lanterninha passou de 50 milhões de cópias vendidas em fevereiro de 2026. Saiu para computador, PlayStation, Xbox, Nintendo Switch, celular e, em dezembro de 2025, para o Nintendo Switch 2. Ganhou livro de receitas, jogo de tabuleiro e uma comunidade enorme de mods. Barone continua trabalhando nele enquanto faz o próximo jogo, *Haunted Chocolatier*.

O que fica, depois de dez anos, é a sensação de que *Stardew Valley* foi feito com cuidado por alguém que respeitava quem ia jogar. Ele não tenta arrancar dinheiro, não tenta prender pela ansiedade e não tem pressa. Dá ao jogador um pedaço de terra, uma cidade pequena, quatro estações e tempo. ■



O vale das quatro estações

À maneira de Ivan Bilibin

LUDUS · PARA “STARDEW VALLEY, A FAZENDA QUE UM HOMEM SÓ PLANTOU”



CINEMA · ENSAIO

Nº 02 / 06

Bad Boy Bubby, o homem que nasceu aos 35 anos

Bubby passou 35 anos trancado num quarto, convencido pela mãe de que o ar lá fora mata. Um dia ele abre a porta. Bad Boy Bubby (1993), de Rolf de Heer, tem 32 diretores de fotografia, microfones escondidos na peruca do ator e um dos finais...

06

POR PABLO MURAD

17 DE NOVEMBRO DE 2026



Bubby (Nicholas Hope) no cômodo onde passou 35 anos.

Bubby tem 35 anos e nunca saiu de casa. Mora com a mãe num cômodo sem janela, numa zona industrial de uma cidade portuária que o filme nunca nomeia. Ela lhe dá banho, comida e castigo, e repete que o ar lá fora é veneno e que Jesus está vendo tudo, pronto para punir. A única companhia que Bubby tem além dela é um gato.
Um dia o pai volta, e o mundo de Bubby acaba. Ou começa.

Bad Boy Bubby (1993), escrito e dirigido pelo holandês radicado na Austrália Rolf de Heer, é um dos filmes mais malucos que já vi, e um dos que mais me impressionaram. É também um filme difícil. Antes de qualquer coisa, o aviso: tem abuso sexual dentro de casa, incesto, violência contra um animal e um estupro na cadeia, tudo mostrado sem filtro na primeira meia hora e um pouco depois. Quem passar por isso encontra uma comédia estranhíssima, um retrato cruel de uma cidade e uma das histórias mais ternas que o cinema dos anos 1990 contou.

O PORÃO

O primeiro ato é quase todo dentro do mesmo cômodo imundo, e é sufocante de propósito. A mãe, Florence, é uma fanática religiosa que trata o filho adulto como bebê e como marido. Bubby fala pouco e repete o que ouve, porque não conhece outra forma de linguagem. Quando o pai, Harold, aparece vestido de padre depois de anos sumido, Bubby ganha um rival e um modelo. Ele copia os gestos do pai, as frases do pai, até a crueldade do pai.



A máscara de gás contra o "ar venenoso" lá de fora.



A primeira noite do lado de fora.

O que Bubby aprendeu com o gato é o que resolve a situação. Ele já tinha matado o gato embrulhando-o em filme plástico, sem entender direito o que fazia. Faz o mesmo com os pais. Depois abre a porta e sai.

O MUNDO LÁ FORA

A partir daí o filme vira uma viagem. Bubby é recolhido por um grupo do Exército da Salvação, perambula pelo centro, apanha da polícia, é preso, é violentado por um detento e solto como "reabilitado". Pega carona com uma banda de pub rock, ajuda num show, apanha de novo num bar por tocar em mulheres que não conhece. Cada pessoa que cruza o caminho dele deixa uma frase, um gesto ou um soco, e Bubby guarda tudo.



Lipson Street, em Port Adelaide, o bairro portuário onde Bad Boy Bubby foi rodado. Foto de junho de 2026, via Wikimedia Commons.



A banda de pub rock que leva Bubby junto.



Bubby na igreja.



A Catedral de São Pedro, em Adelaide, também usada nas filmagens. Via Wikimedia Commons.



No palco, com o colarinho de padre do pai.

Numa igreja, um homem que os créditos chamam só de The Scientist, o Cientista, diz a ele que Deus não existe e que cabe a cada um ser responsável pelo que faz. É uma das poucas pessoas que tratam Bubby com gentileza no filme inteiro. Logo depois ele conhece Angel, uma enfermeira que cuida de pessoas com paralisia cerebral, e a vida dele muda de direção.

A cena mais famosa vem quando Bubby sobe ao palco com a banda. Ele não sabe cantar nenhuma música, então despeja no microfone as frases que ouviu da mãe, do pai, dos policiais, dos bêbados. O público adora. O homem que passou a vida inteira repetindo os outros vira um astro do rock justamente por repetir os outros. É engraçado, é triste e diz muito sobre como qualquer um de nós aprende a falar.

COMO SE FILMA UM HOMEM QUE NUNCA VIU NADA

De Heer resolveu filmar o mundo do jeito que Bubby o enxerga. O filme foi rodado na ordem da história, e cada locação nova depois que Bubby sai de casa ganhou um diretor de fotografia diferente, sem que nenhum pudesse olhar o trabalho dos outros. Foram 32 pelas contas do arquivo nacional



Uma cabeça artificial Neumann KU 100, o jeito mais comum de gravar som binaural. Em Bad Boy Bubby, os microfones foram parar na cabeça do próprio ator. Via Wikimedia Commons.



O bloco de celas do antigo presídio de Adelaide, uma das locações do filme. Via Wikimedia Commons.

de cinema da Austrália (a Wikipédia conta 31). A ideia nasceu de uma limitação. O plano original era rodar aos poucos, em fins de semana, com quem estivesse disponível, e a imagem ia mudar de qualquer jeito. Se Bubby nunca tinha visto nada, pensou o diretor, tudo podia parecer novo para ele. De Heer resumiu a lógica numa frase: transformar a fraqueza em força.

O som foi pelo mesmo caminho. A equipe costurou dois microfones binaurais na peruca de Nicholas Hope, um acima de cada orelha, e o filme inteiro foi gravado do ponto de vista dos ouvidos de Bubby. Por isso o cabelo dele é tão desgrenhado: ajudava a esconder os microfones. De fone de ouvido, a sensação é de estar dentro da cabeça do personagem, e o barulho da rua chega como uma agressão.

As filmagens aconteceram em Port Adelaide, entre o fim de 1992 e o começo de 1993, com escritório montado no próprio bairro. O antigo presídio de Adelaide e a Catedral de São Pedro também aparecem. As pessoas com paralisia cerebral que Bubby conhece com Angel não são atores, e isso dá às cenas delas uma verdade que nenhum elenco conseguiria fingir.

DEZ ANOS DE FICHAS

A história começou bem antes. Logo depois da escola de cinema, de Heer e o ator Ritchie Singer imaginaram um filme barato para os dois fazerem juntos. Durante boa parte dos anos 1980, o diretor andou com fichas de papel no bolso, anotando cenas e coisas que via na rua. Quando voltou a elas, achou tudo manso demais e foi empurrando o roteiro para o extremo

a cada nova versão. Singer leu o resultado e desistiu do papel: o filme tinha ido mais longe do que ele queria ir.

O substituto veio de um curta, *Confessor Caressor*, que de Heer viu por volta de 1989. O protagonista era Nicholas Hope, nascido em Manchester e criado em Whyalla, uma cidade siderúrgica do sul da Austrália. *Bad Boy Bubby* foi o primeiro longa dele, e é difícil imaginar outra pessoa no papel. Hope passa da criança assustada ao homem que imita o pai e depois ao cantor de pub sem que a gente perceba a costura.

O orçamento previsto era de uns 400 mil dólares australianos, com filme vencido para economizar. O produtor italiano Domenico Procacci entrou com o dinheiro, mas exigiu negativo bom, e o custo final ficou em torno de 800 mil. O filme é uma coprodução entre Austrália e Itália.

VENEZA E O GATO

Bad Boy Bubby estreou no Festival de Veneza em 1º de setembro de 1993, em competição, e saiu de lá com o Grande Prêmio Especial do Júri e o prêmio da crítica internacional, a FIPRESCI. De Heer lembraria depois que o filme "tore the place apart", virou o lugar de pernas para o ar. No ano seguinte, levou quatro prêmios do Australian Film Institute: direção, roteiro original, ator para Hope e montagem.



O Palazzo del Cinema, no Lido, sede do Festival de Veneza, onde Bad Boy Bubby estreou em setembro de 1993. Via Wikimedia Commons.

Nas bilheterias australianas, foi um fracasso: pouco mais de 800 mil dólares, praticamente o que tinha custado. Na Noruega, curiosamente, virou sucesso, a ponto de transformar Hope num ator requisitado por lá. O resto do mundo descobriu o filme aos poucos, em VHS e DVD, e foi assim que ele virou cult.

A polêmica maior foi o gato. Quando o filme saiu na Itália, grupos de defesa dos animais pediram boicote a produtos australianos, acusando a produção de ter sufocado o bicho de verdade. De Heer sempre negou e disse que as cenas foram feitas com veterinário e fiscal de maus-tratos no set. Segundo Hope, foram dois gatos: um virou bicho de estimação de alguém da equipe, e o outro, um gato selvagem, foi sacrificado por um veterinário depois das filmagens, como acontece com a maioria dos gatos ferais capturados na Austrália, onde eles são uma ameaça à fauna nativa. No Reino Unido, a censura cortou a cena. O crítico Mark Kermode chegou a sair de uma sessão por causa dela.

POR QUE O FILME É TÃO BOM

Dá para ver *Bad Boy Bubby* como um filme de choque e parar aí, mas ele é muito mais do que a lista de horrores do primeiro ato. De Heer pensou a história como uma parábola sobre abuso infantil. Era pesado demais para um ator criança, então Bubby virou um adulto que foi maltratado por 35 anos. Tudo o que ele faz vem do que fizeram com ele, e o filme acompanha um homem que aprende, devagar e aos trancos, que existe outra forma de viver.

Também é um filme sobre Deus, e não escolhe lado com facilidade. Bubby foi criado no medo de um Deus que castiga. Lá fora encontra uma igreja sem piedade, um ateu gentil que lhe ensina responsabilidade e uma enfermeira religiosa que é a pessoa mais bondosa da história, apesar de ter sido criada por pais cruéis. Ninguém sai dali com uma resposta pronta.

E é engraçado. A cidade que de Heer filma é tão feia, tão violenta e tão absurda que chega a ser cômica, e o humor de Bubby, que só sabe repetir, deixa tudo ainda mais desconcertante. O final, quando chega, pega de surpresa quem passou duas horas esperando o pior: Bubby encontra um lugar no mundo. Depois de tudo, é um final feliz, e o filme faz por merecer.

Em 2021 a Umbrella Entertainment lançou na Austrália um Blu-ray restaurado a partir do negativo original, com extras. Antes dele, o DVD americano da Blue Underground, de 2005, trazia de bônus o curta *Confessor Caressor*. Se conseguir, veja de fone de ouvido. Bubby merece ser ouvido do jeito que ele ouve. ■



Bubby e Angel (Carmel Johnson).



O cantor que veio do porão

À maneira de Otto Dix

CINEMA · PARA “BAD BOY BUBBY, O HOMEM QUE NASCEU AOS 35 ANOS”



CINEMA · ENSAIO

Nº 02 / 07

Meu top 10 de cenas do cinema de horror

Do assassino de sobretudo de Dario Argento ao "Boy!" do Tall Man em Fantasma: as dez cenas do cinema de horror que mais me marcaram, cada uma por um motivo diferente.

07

POR HENRIQUE MURAD

17 DE NOVEMBRO DE 2026

Você com certeza já se deparou com cortes no Instagram de cenas marcantes dos grandes clássicos do cinema, às vezes passando uma mensagem forte, às vezes só dando destaque a um momento importante do filme. No cinema de horror, as cenas que nos marcam envolvem susto e medo, e muitas vezes um sentimento um tanto quanto único: admiração (ou excitação).

Reuni aqui as dez melhores, na minha opinião. Cada uma tem a sua peculiaridade, e são motivos bem diferentes que me fazem gostar de cada uma delas, mas todas têm algo em comum: são icônicas e ficaram gravadas na memória de quem assistiu.

AVISO

ALERTA DE SPOILERS!

O conteúdo a seguir fala de cenas finais e de momentos decisivos de alguns filmes. Continue lendo por sua conta e risco!

10º. A SILHUETA DO ASSASSINO

O Pássaro das Plumas de Cristal (*The Bird with the Crystal Plumage*), Dario Argento, 1970

Uma das coisas que mais chamam a atenção nos filmes giallo é a caracterização do assassino: quase sempre de sobretudo e luvas de couro, com o rosto que mal conseguimos ver. *O Pássaro das Plumas de Cristal*, primeiro longa de Dario Argento como diretor, é um dos pioneiros nesse tipo de



O assassino de chapéu e sobretudo em O Pássaro das Plumas de Cristal (1970).



Leatherface captura Pam em O Massacre da Serra Elétrica (1974).

representação, e tem uma cena típica de perseguição (o famoso *stalking*) que funciona muito bem na construção do medo.

Assistir à cena no YouTube

9º. PAM E O GANCHO DE CARNE

O Massacre da Serra Elétrica (*The Texas Chain Saw Massacre*), Tobe Hooper, 1974

O Massacre da Serra Elétrica ultrapassou as barreiras do horror. Além de ser um dos precursores do slasher, virou um clássico do cinema e uma das obras mais influentes da história. Cada cena e cada detalhe do filme são marcantes, mas a que sempre me deixou mais aflito é a de Pam. Ela entra na casa, tropeça numa sala cheia de ossos e penas, tenta fugir e é alcançada por Leatherface na porta, que a carrega para dentro e a pendura num gancho de carne de um jeito cruel.

Assistir à cena no YouTube

8º. O BONECO MACABRO

Prelúdio para Matar (*Profondo Rosso*, ou *Deep Red*), Dario Argento, 1975

De novo o grande mestre Dario Argento, agora com um dos seus filmes mais memoráveis. *Prelúdio para Matar* é construído inteiro em cima de uma atmosfera de suspense e investigação que deixa a gente na ponta da cadeira, com alguns sustos pelo caminho. Um dos mais marcantes é quando



O boneco de Prelúdio para Matar (1975).

um boneco aparece correndo na direção de um dos personagens, com movimentos desengonçados e uma cara nada amigável, o que deixa a cena ainda mais perturbadora.

Assistir à cena no YouTube

7º. O MASSACRE NA JANGADA

Chamas da Morte (*The Burning*), Tony Maylam, 1981

Chamas da Morte é aquele clássico do horror um tanto nichado, mas muito cultuado pelos fãs do gênero, e lembrado principalmente pelo traba-



A canoa à deriva no lago, em Chamas da Morte (1981).



Gallagher atacado por Tunneler em O Mestre dos Brinquedos (1989).

lho do mestre dos efeitos especiais e da maquiagem Tom Savini. A cena em questão é a do massacre: um grupo de jovens do acampamento rema numa jangada até uma canoa que parece vazia, e de dentro dela surge Cropsy com uma tesoura de jardinagem. É uma sequência tão marcante que acabou estampando vários materiais promocionais e pôsteres do filme.

Assistir à cena no YouTube

6º. A VINGANÇA DOS BONECOS CONTRA GALLAGHER

O Mestre dos Brinquedos (*Puppet Master*), David Schmoeller, 1989

O primeiro filme da franquia *O Mestre dos Brinquedos* tem como um dos seus pontos mais fortes os efeitos especiais que dão vida aos bonecos. É bem assustador ver criaturas com um visual tão macabro andando pelos corredores do hotel Bodega Bay Inn. Ao longo da história, descobrimos que quem os controlava era Neil Gallagher, que todos achavam estar morto. Só que, depois de uma série de acontecimentos, os bonecos se voltam contra o próprio mestre numa sequência de tortura bem bizarra. Somado à trilha de Richard Band, tudo fica ainda mais estranho e perturbador.

Assistir à cena no YouTube

5º. A MÁSCARA DE STAN LAUREL

Réveillon Maldito (*New Year's Evil*), Emmett Alston, 1980

Talvez o filme menos conhecido desta lista, *Réveillon Maldito* é um daqueles slashers que fazem parte da onda de filmes de feriado que tomou



Richard Sullivan, o assassino em Réveillon Maldito (1980).

os anos 80, assim como *Dia dos Namorados Macabro*, *Noite das Brincadeiras Mortais* e *Natal Sangrento*, entre outros. Boa parte da atmosfera assustadora vem da máscara inspirada no comediante Stan Laurel, o Magro da dupla O Gordo e o Magro.

Fiquei em dúvida entre duas cenas. Uma é a sequência final, em que o assassino faz um discurso bizarro antes de tirar a própria vida. A outra é aquela em que ele observa a esposa, que pretende matar. Mesmo sem terminar em morte, essa sequência causa um desconforto enorme, principalmente pelo silêncio e pela tensão que vão crescendo ao longo da cena.

Assistir à cena no YouTube

4º. O DESAPARECIMENTO DE MICHAEL MYERS

Halloween: A Noite do Terror (*Halloween*), John Carpenter, 1978

Se antes falamos talvez do filme menos conhecido da lista, agora estamos no extremo oposto. *Halloween* é um dos maiores clássicos do horror e do cinema. O filme consagrou John Carpenter como diretor, apresentou Michael Myers ao mundo e, até hoje, é um dos primeiros títulos que vêm à cabeça das pessoas quando chega o dia 31 de outubro, o famoso Dia das Bruxas.

A sequência final é uma mistura de pavor, ansiedade e tensão. Mas é quando Michael cai da varanda, dando a entender que finalmente morreu, e o corpo some logo em seguida, que o filme fixa de vez a imagem do



Michael Myers supostamente morto ao final de Halloween (1978).

personagem como uma espécie de bicho-papão, uma figura impossível de derrotar.

Assistir à cena no YouTube

3º. A REVELAÇÃO DO JIGSAW

Jogos Mortais (*Saw*), James Wan, 2004



Adam e Gordon presenciam o cadáver entre eles, em Jogos Mortais (2004).



Alice na canoa, no Crystal Lake, em Sexta-Feira 13 (1980).

Chegamos ao que muita gente considera uma das maiores reviravoltas da história do cinema. Quem poderia imaginar que o cadáver estirado entre o Dr. Gordon e Adam estava vivo e, pior ainda, era o responsável por todos aqueles crimes? Só de lembrar da sequência de flashes e revelações naquele filme de forte tom esverdeado, enquanto John Kramer faz o seu discurso sobre dar valor à vida, já bate a nostalgia das antigas locadoras dos anos 2000.

Assistir à cena no YouTube

2º. JASON ESTÁ VIVO?

Sexta-Feira 13 (*Friday the 13th*), Sean S. Cunningham, 1980

Diferente de todas as outras da lista, essa cena tem uma beleza que vai além do susto. Existe uma harmonia muito bonita nos planos de Alice à deriva no Crystal Lake, ao som de "Closing Theme", de Harry Manfredini. A virada de atmosfera é muito bem construída: o que parece um final feliz, com um cenário e uma trilha que passam paz e tranquilidade, vira um pesadelo quando Jason surge de dentro do lago e puxa a nossa protagonista para a água. Até a música, que antes acalmava, muda de ritmo e fica muito mais desagradável. E, para completar, o filme termina de um jeito ambíguo, deixando a dúvida no ar: Jason ainda está vivo debaixo daquele lago?

Assistir à cena no YouTube



O Tall Man (Angus Scrimm) ao final de Fantasma (1979).

1º. TALL MAN: "BOY!"

Fantasma (*Phantasm*), Don Coscarelli, 1979

Em primeiríssimo lugar, um dos vilões mais subestimados do horror, que merecia muito mais reconhecimento: o Tall Man, principal antagonista da franquia *Fantasma*. O personagem assusta justamente pela simplicidade. Sem máscara nem roupa extravagante, é só um senhor assustador de terno, com cara de agente funerário, que é exatamente o que ele é.

Mais uma vez, o filme nos dá aquela falsa sensação de final feliz. Depois de passar por visões inexplicáveis, Mike acorda acreditando que tudo não passou de um sonho, fruto dos próprios traumas. Mas em *Fantasma* nada é exatamente o que parece. A sensação dura até ele ser pego de novo pelo Tall Man, que com uma única palavra, "Boy!", dita naquela voz rouca e ecoante, transmite um pavor que fecha o filme em grande estilo.

Assistir à cena no YouTube

FIM!

Muita cena assustadora até aqui, não é? E você, tem alguma cena que já tirou o seu sono? Deixe a sua opinião e as suas sugestões nos comentários. Obrigado pela atenção!

~ Henrique Murad



A sessão da meia-noite
À maneira de Alfred Kubin

CINEMA · PARA "MEU TOP 10 DE CENAS DO CINEMA DE HORROR"



Emmanuel Santiago, o poeta dos pássaros

Conheci Emmanuel Santiago num cyber café de São Lourenço, em 2002. Ele virou poeta, professor de literatura e um dos meus melhores amigos. Morreu em abril de 2026. Aqui vai a minha lembrança dele e uma leitura dos quatro livros que deixou...

08

POR PABLO MURAD

17 DE NOVEMBRO DE 2026

Conheci o Emmanuel quando eu ainda era adolescente: um menino desajeitado, cheio de espinhas e de uma curiosidade que nunca pareceu me largar. Devia ser umas quatro da tarde de uma terça-feira qualquer de 2002. Lembro bem do lugar: o velho Cyber Café de São Lourenço.

Naquela época, internet ainda era coisa rara. Os cyber cafés estavam por toda parte, salas cheias de computadores onde a gente pagava para passar um tempinho online e, quase sempre, tomar um café ruim. Entre as máquinas havia mesas ocupadas por gente jogando Magic: The Gathering, RPG, e conversando por horas sobre mundos imaginários.

Foi ali que eu o vi pela primeira vez. Eram três rapazes. Um tinha cabelo comprido e cara de roqueiro. Outro tinha uma presença forte. E havia um terceiro, magro, esquisito, meio deslocado, como se não combinasse direito com os outros dois. Esse era o Emmanuel. Claro que era dele a voz mais forte, a crítica mais afiada e o conhecimento mais amplo.

Cheguei perto, e a amizade veio rápido, do jeito que algumas amizades vêm quando a gente reconhece alguma coisa no outro antes mesmo de saber dar nome a ela.

Nos três anos seguintes, o Emmanuel e eu fomos quase inseparáveis. Eu vivia impressionado com o quanto ele lia, com o quanto ele sabia e com a paixão com que falava de ideias, livros, autores, símbolos e mundos inteiros. Pode acreditar: boa parte do hábito de leitura voraz que carrego até hoje nasceu dessa amizade.

Anos depois, o Emmanuel viraria escritor e professor de literatura. Mas antes disso ele foi meu amigo. E, como amigo, me ensinou coisas que eu ainda carrego com um carinho fundo e sem medida. Me ensinou teosofia, demonologia, ocultismo, literatura brasileira, literatura clássica, literatura russa, o movimento gótico, movimentos daqui, movimentos dali. E lembro muito bem do quanto eu gostava de ouvir ele explicar quem foi o Marquês de Sade. Cara, eu aprendi muito.

Mas a vida não para. Ela segue o seu curso, indiferente à nossa vontade de continuar perto de quem a gente ama.

Hoje dedico este texto a um grande amigo que se foi. Um amigo com quem falei um dia antes da última cirurgia. Um amigo que tinha deixado claro, no Facebook, que não estava muito confiante de que voltaria.

QUEM ERA O POETA

Emmanuel Santiago nasceu em São Lourenço, no sul de Minas, em 13 de abril de 1984. Formou-se em Letras na Universidade Federal de Ouro Preto



Emmanuel Santiago (1984-2026).

em 2006 e fez mestrado e doutorado na USP. Dava aulas de literatura para o ensino médio no Instituto Alpha Lumen, no Vale do Paraíba, publicou quatro livros de poesia e espalhou poemas e traduções por revistas, inclusive pela Revista Brasileira, da Academia Brasileira de Letras. Em 2018 subiu à tribuna da própria Academia para falar de Olavo Bilac e a cidade parnasiana, num ciclo de palestras coordenado por Antonio Carlos Secchin.

O câncer no intestino foi descoberto no começo de 2024. Alunos e amigos fizeram campanhas para ajudar a pagar o tratamento. Ele estava internado na UTI desde março de 2026 e morreu em Jacareí no dia 23 de abril, dez dias depois de fazer 42 anos. Era o Dia Mundial do Livro, a data em que também morreu Shakespeare, um poeta que o Emmanuel traduziu: ele verteu sonetos do inglês para versos de doze sílabas, publicados na Revista Brasileira.

O CRÍTICO QUE VEIO ANTES

Antes dos livros de poemas veio o leitor profissional. O mestrado, defendido em 2010, se chama *A narração dificultosa* e estuda "Cara-de-Bronze", uma das novelas de *Corpo de baile*, de Guimarães Rosa, um texto famoso por entregar a história ao leitor em pedaços. Para ler essa novela, ele recorreu à estética da recepção de Hans Robert Jauss, a teoria que põe o leitor no centro do sentido. O trabalho saiu em livro em 2014, na série Produção Acadêmica Premiada.

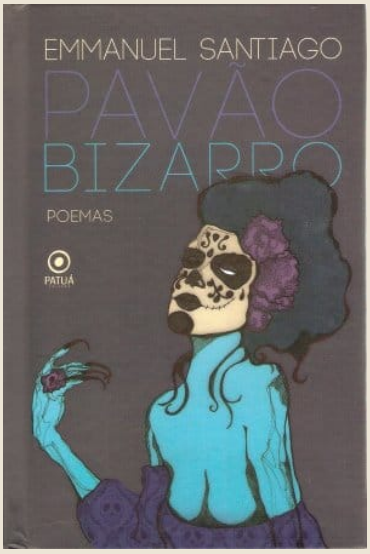
O doutorado, de 2016, é *A musa de espartilho: o erotismo na poesia parnasiana brasileira*. A ideia central é bonita e simples. A forma fixa funciona como um espartilho, que aperta o corpo e, ao apertar, o erotiza. Com essa chave ele releu Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Luiz Delfino e Francisca Júlia, cuja famosa "frieza marmórea" ele leu como estratégia, contra a tradição que via ali só frieza.

Essa tese é também a melhor porta de entrada para a poesia dele. O Emmanuel escrevia sonetos, vilanelas, sextinas, baladas, tankas e haicais. Gostava de rima, inclusive da rima toante, aquela que casa só as vogais. E em quase tudo o que publicou a forma aperta, e é dentro do aperto que aparecem o desejo, o humor e a raiva.

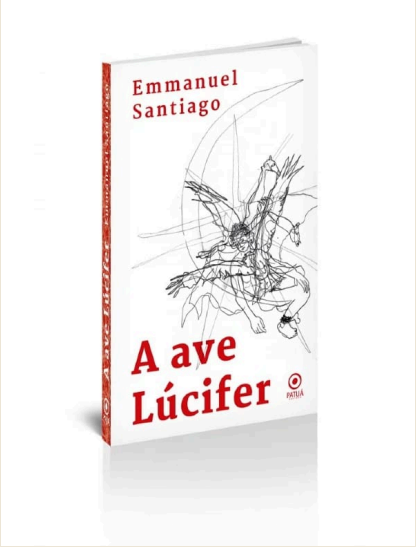
PAVÃO BIZARRO (PATUÁ, 2014)

A estreia reúne 39 poemas escritos ao longo de dez anos. A sombra mais visível é a de João Cabral de Melo Neto, com a sua ideia do poema como objeto construído, medido, sem derramamento. T. S. Eliot também anda por ali. O título resume bem o livro: o pavão é a ave que faz da própria plumagem um espetáculo, e o adjetivo avisa que o espetáculo vai sair torto.

Dois momentos mostram o projeto. "A fábula de Fabergé" chama para dentro do livro os ovos de joalheria dos czares, objetos que existem só para



Pavão bizarro (Patuá, 2014), o livro de estreia.



A ave Lúcifer (Patuá, 2020).

exibir ofício, e é difícil não ver neles um retrato do poema como peça de ourivesaria. E o dueto que põe João Gilberto e João Cabral lado a lado junta dois mestres da economia, um da voz quase sussurrada, outro do verso seco. Para um primeiro livro, é uma declaração de princípios clara: rigor, concisão e um gosto declarado pelo artifício.

A AVE LÚCIFER (PATUÁ, 2020)

Seis anos depois veio o livro mais ambicioso. Aqui o Emmanuel deixa o poema curto e parte para formas longas e narrativas, de olho em Eliot, em Poe e nas reflexões de Octavio Paz sobre o poema longo. A musa tem algo de Baudelaire, e o humor ficou ao mesmo tempo mais erótico e mais amargo. O título já é uma pequena aula da demonologia que ele gostava de explicar: Lúcifer quer dizer "portador da luz", era o nome latino da estrela da manhã antes de virar o nome do anjo caído.

A quarta parte é a mais política e a que melhor mostra o método. Em vez de comentar o noticiário, o Emmanuel vestia a notícia com uma forma antiga. O incêndio do Museu Nacional, em 2018, vira "Queimemos de Alexandria", que liga o fogo no Rio à biblioteca perdida da Antiguidade. A tortura aparece numa sextina sobre Santo Antônio, com epígrafe de Alberto da Cunha Melo tirada do poema que ele escreveu para Vladimir Herzog. A

sextina é uma forma obsessiva: as mesmas seis palavras voltam ao fim dos versos, estrofe após estrofe, e poucas formas seriam tão adequadas para um suplício que se repete. Já "Havendo paz, eu me rebelo" é um falso sirventês, o gênero satírico dos trovadores provençais, escrito à maneira de Bertran de Born, o trovador que cantava a guerra.

Nas entrevistas, ele dizia que a poesia não transforma a realidade, mas pode denunciar a barbárie, desde que admita a própria impotência. E contava que usava a alegoria para que os poemas não ficassem presos à circunstância. Os títulos do livro mostram o choque que isso produz: "Álbum de férias em Abu Ghraib", "Orfeu desce à Cracolândia", "Legenda de Robert Johnson". A prisão no Iraque ganha cara de lembrança de viagem, o mito grego desce ao centro de São Paulo, e o bluesman que teria vendido a alma ao diabo numa encruzilhada ganha uma legenda, palavra que na Idade Média nomeava a vida dos santos.

O livro fecha com "A rola", uma paródia de "O corvo", de Edgar Allan Poe. O corvo continuou pousado na cabeça dele, e três anos depois voltou inteiro.

A RENGA DO CORVO (BESTIÁRIO, 2023)

"O corvo" já tinha passado pelas mãos de Machado de Assis e de Fernando Pessoa, entre muitos outros tradutores. O Emmanuel fez outra coisa com



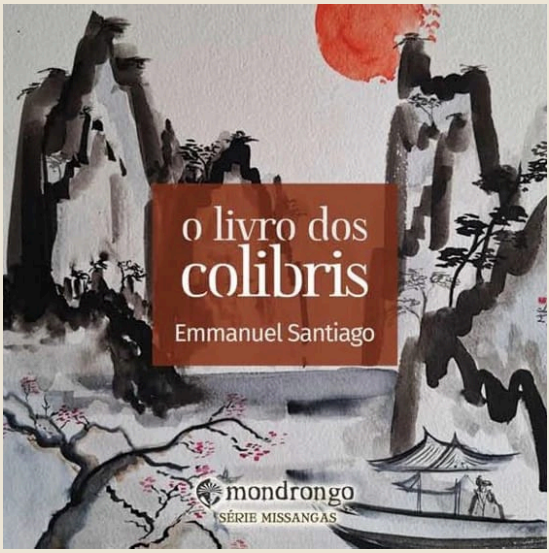
A renga do corvo (Bestiário, 2023).

ele. Em 94 páginas, transformou o poema de Poe numa renga, a cadeia de poemas da tradição japonesa, feita aqui de tankas, estrofes de cinco versos. E pôs rima onde os japoneses não põem, num esquema próprio, aba/bB.

Ele mesmo chamou o livro de ornitorrinco, um bicho que não é nem renga de verdade nem tradução. A comparação é boa. A renga tradicional é escrita por vários poetas em revezamento, e aqui um único poeta conversa com Poe estrofe por estrofe, como se fosse o segundo participante da roda. Poe gostava de dizer, em "A filosofia da composição", que montou "O corvo" passo a passo, como quem resolve um problema de matemática. Um poeta que passou o doutorado estudando o que a forma faz com um texto dificilmente encontraria parceiro melhor.

O LIVRO DOS COLIBRIS (MONDRONGO, 2025)

O último livro saiu em 2025, na Série Missangas da editora Mondrongo, já durante a doença. São haicais. O interesse pelas formas japonesas vinha de longe, de senryūs publicados em revista e da própria renga, mas aqui ele foi até o fim do caminho. O poeta que dizia querer escrever um longo poema lírico publicou por último uma das formas mais curtas que existem. E escolheu para ela o colibri, o menor dos pássaros, que bate as asas tão rápido que parece parado no ar.



O livro dos colibris (Mondrongo, 2025), de haicais.

UM AVIÁRIO

Quatro livros, quatro aves: o pavão, a ave Lúcifer, o corvo e os colibris. Lidos em sequência, desenham um percurso que vai da plumagem exibida ao voo mínimo, do poema cabralino ao haicai. O que não muda é o ofício. O Emmanuel tratava a forma fixa como lugar de liberdade e fazia isso com erudição, humor e uma raiva que nunca virava panfleto.

O poeta baiano João Filho o chamou de "um dos maiores poetas contemporâneos". Além dos livros, ficaram o ensaio no volume coletivo *O que restou de 22* (Sétimo Selo, 2022), os textos que ele publicava no Substack, os poemas espalhados por revistas, as traduções de Shakespeare e muitos alunos que aprenderam literatura com ele.

■ ■ ■

Bom, Emmanuel. Eu lembro. Lembro de tudo. E hoje, especialmente hoje, vou lembrar de você.

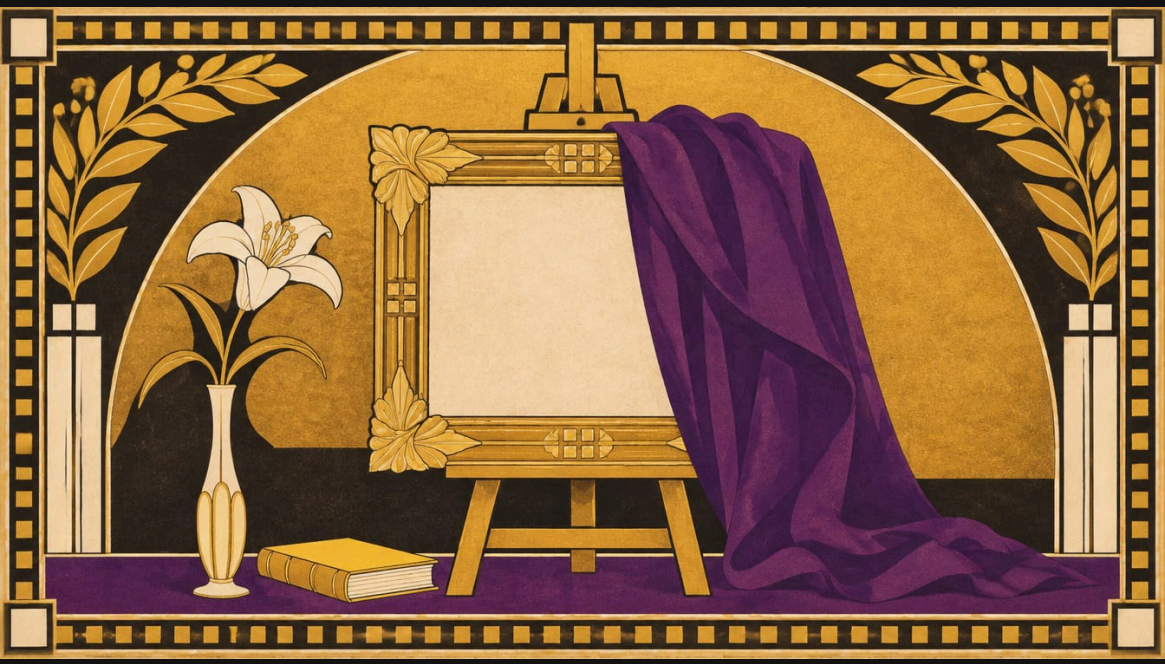
O Emmanuel era escritor. Era poeta. E, de algum jeito, deixou este mundo como os poetas costumam deixar: com uma ausência cheia de palavras.

Adeus, Emmanuel. ■



Os pássaros do poeta
À maneira de Gustave Moreau

GRAMMATICA · PARA “EMMANUEL SANTIAGO, O POETA DOS PÁSSAROS”



O retrato de Dorian Gray, o único romance de Oscar Wilde

Li O retrato de Dorian Gray em 2001 e ele continua sendo o meu livro predileto. Um retrato que envelhece no lugar do modelo, um pintor apaixonado e Lord Henry Wotton, uma filosofia ambulante em forma de homem. Sobre o único romance de...

09

POR PABLO MURAD

17 DE NOVEMBRO DE 2026

Li *O retrato de Dorian Gray* em 2001, quando eu tinha uns 14 anos. Continua sendo o meu livro predileto, e Lord Henry Wotton continua sendo o meu personagem favorito. Ele tem resposta para tudo. É uma filosofia ambulante em forma de homem.

O livro é o único romance que Oscar Wilde escreveu. Saiu em 1890 e está em domínio público há muito tempo, o que me deixa à vontade para citar o Lord Henry quanto eu quiser. As traduções dos trechos abaixo são minhas.

A HISTÓRIA

Tudo começa num ateliê de Londres, numa tarde de verão. O pintor Basil Hallward acabou o retrato de um rapaz de beleza extraordinária, Dorian Gray, e não quer expor o quadro, porque acha que pôs nele coisa demais de si mesmo. Quem está ali, fumando e ouvindo, é o amigo Lord Henry Wotton.

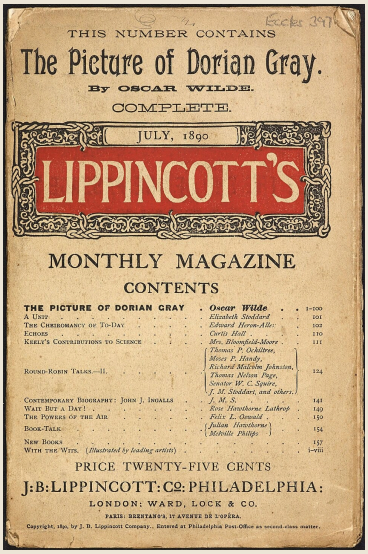
Dorian chega para a última sessão, e Lord Henry leva o rapaz para o jardim. Ali faz um discurso sobre a juventude: ela é a única coisa que vale a pena ter, e vai embora depressa. Dorian volta para dentro, olha o retrato pronto e entende pela primeira vez que vai envelhecer e o quadro, não. Então deseja o contrário: que o retrato envelheça no lugar dele. Ele daria a alma por isso.

O desejo se cumpre. Dorian se apaixona por Sibyl Vane, uma atriz que faz Julieta num teatro pobre, e a abandona com crueldade na noite em que ela atua mal. Sibyl se mata. Quando Dorian volta para casa, vê no retrato uma ruga de crueldade em volta da boca que não estava ali de manhã. A partir daí, o rosto dele fica intacto e o do quadro vai acumulando cada pecado. Dorian tranca o retrato no antigo quarto de estudos da casa e passa dezoito anos vivendo como quer.

O fim não poupa ninguém. Basil vê o quadro e é assassinado. Dorian tenta destruir a pintura com a mesma faca. Os criados encontram no chão um velho irreconhecível, com uma faca no coração, que só identificam pelos anéis, e na parede o retrato do jovem Dorian Gray, tão belo quanto no dia em que foi pintado.

DUAS VERSÕES E UM PREFÁCIO

A primeira versão saiu inteira numa revista americana, a *Lippincott's Monthly Magazine*, no número de julho de 1890. Antes de imprimir, o editor J. M. Stoddart cortou umas quinhentas palavras, com medo de que o texto fosse indecente. Mesmo assim, a imprensa britânica caiu em cima. Jornais


THIS NUMBER CONTAINS

The Picture of Dorian Gray.

By OSCAR WILDE.

COMPLETE.

JULY, 1890

LIPPINCOTT'S

MONTHLY MAGAZINE

CONTENTS

THE PICTURE OF DORIAN GRAY . Oscar Wilde . . 1–100
A Unit . . . Elizabeth Stoddard . . 101
The Chirognancy of To-Day . . . Edward Heron-Allen . 102
Echoes . . . Curtis Hidt . . 110
Kiehl's Contributions to Science . . . Mrs. Bloomfield-Moore . 111
Round-Robin Tales.—II. . . . Thomas P. Ochiltree, Miss P. Hardy, Richard Malcolm Johnston, Thomas Nelson Page, Senator W. C. Spicer, J. M. Stoddart, and others. 124
Contemporary Biography: John J. Ingalls . J. M. S. . 141
Wait But a Day! . . . Rose Hawthorne Lathrop . 149
The Powers of the Air . . . Felix L. Oswald . 150
Book-Talk . . . Julian Hawthorne / Melville Philips . 154
New Books . . . 157
With the Wits. (Illustrated by leading artists) . . . i–viii

PRICE TWENTY-FIVE CENTS

J. B. LIPPINCOTT CO. PHILADELPHIA:

LONDON: WARD, LOCK & CO.

PARIS: BERTHAUD, 17 AVENUE DE L'OPÉRA.

Copyright, 1890, by J. B. Lippincott Company. Entered at Philadelphia Post-Office as second-class matter.

A Lippincott's de julho de 1890, com o romance completo nas cem primeiras páginas.

como o *Daily Chronicle* e o *Scots Observer* trataram o livro como impuro e contaminante.

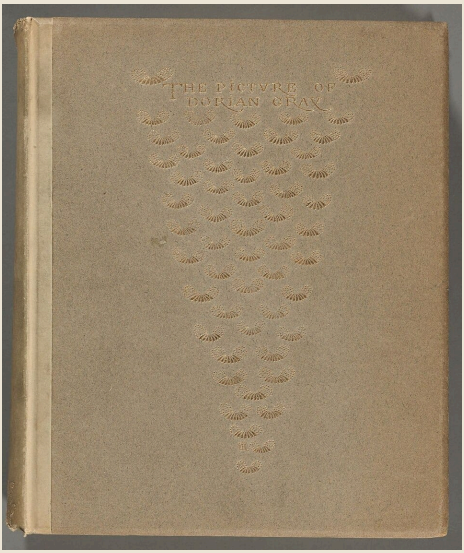
Wilde respondeu do jeito dele. Em abril de 1891 saiu o livro pela Ward, Lock & Co., com vinte capítulos, seis deles novos, um personagem novo (James Vane, o irmão de Sibyl, que volta para se vingar) e, na abertura, um prefácio feito só de aforismos. É uma defesa da arte contra quem quer julgá-la pela moral, e a frase mais famosa diz:

> *Não existe livro moral ou imoral. Os livros são bem escritos ou mal escritos. Só isso.*

O prefácio termina com uma provocação que até hoje rende discussão: toda arte é completamente inútil. Para Wilde, isso era um elogio.

LORD HENRY, O HOMEM QUE NUNCA FAZ NADA

Repare numa coisa: Lord Henry não comete nenhum crime no livro inteiro. Ele não mata, não seduz ninguém diante do leitor, não arruína nenhuma moça. Ele conversa. Joga uma ideia no ar, observa onde ela cai e vai jantar. Quem transforma as frases dele em atos é Dorian.



A primeira edição em livro, Ward, Lock & Co., 1891.

E que frases. Lord Henry é uma máquina de aforismos, e Wilde deu a ele algumas das melhores linhas que escreveu na vida:

> *A única maneira de se livrar de uma tentação é ceder a ela.*
> *Só existe uma coisa no mundo pior do que falarem de você: não falarem de você.*
> *Hoje em dia as pessoas sabem o preço de tudo e o valor de nada.*
> *Para recuperar a minha juventude, eu faria qualquer coisa no mundo, menos fazer exercício, acordar cedo ou ser respeitável.*

O truque do personagem está no tom. Lord Henry diz coisas terríveis com a leveza de quem comenta o tempo, e a graça faz a gente baixar a guarda. Ele mesmo explica o método quando fala da influência: influenciar alguém é emprestar a essa pessoa a nossa alma, e ela passa a pensar os nossos pensamentos e a sentir as nossas paixões. É exatamente o que ele faz com Dorian, com a ajuda de um livro amarelo que manda de presente e que vira a bíblia do rapaz. Os estudiosos costumam identificar esse livro com *Às avessas*, de Joris-Karl Huysmans, o romance de 1884 que virou o manual da decadência francesa.

No último capítulo, dezoito anos depois, a máquina continua funcionando, mas agora soa diferente. Dorian quase confessa o assassinato, e Lord Henry ri: Dorian não seria capaz disso, porque o crime pertence exclusivamente às classes baixas. O homem que tinha resposta para tudo não percebe o que está bem na frente dele. O livro deixa a gente rir das frases dele e, no fim, mostra quanto elas custaram, só que a outra pessoa.

WILDE DIVIDIDO EM TRÊS

Numa carta de 1894, Wilde explicou que o livro tinha muito dele, repartido entre os três homens:

> *Basil Hallward é o que eu penso que sou; Lord Henry, o que o mundo pensa que eu sou; Dorian, o que eu gostaria de ser, em outras épocas, talvez.*

A frase ajuda a ler o romance. Basil é o artista sincero, que ama e se expõe. Lord Henry é a persona pública de Wilde, o conversador brilhante dos salões de Londres. E Dorian é a fantasia de uma vida sem consequências, que o livro trata de punir.

Há também uma herança de família. O tio-avô de Wilde era Charles Maturin, autor de *Melmoth, o viajante*, um clássico do romance gótico sobre um homem que vende a alma em troca de vida longa. Quando saiu da prisão, Wilde passou a usar o nome Sebastian Melmoth.

O LIVRO NO BANCO DOS RÉUS

Em abril de 1895, Wilde processou o marquês de Queensberry, pai do seu amante, Lord Alfred Douglas, por difamação. No julgamento, o advogado de defesa, Edward Carson, usou *O retrato de Dorian Gray* como prova. Leu em voz alta trechos em que Basil fala do que sente por Dorian, citou o prefácio e perguntou a Wilde se um leitor comum não veria ali um livro imoral. Wilde respondeu com o próprio prefácio e com piadas que fizeram a plateia rir, mas perdeu a causa. Logo depois foi processado, condenado e passou dois anos na prisão com trabalhos forçados.

Lord Henry tem, no último capítulo, uma frase que parece escrita para esse tribunal:

Os livros que o mundo chama de imorais são os livros que mostram ao mundo a sua própria vergonha.

NO BRASIL E NO CINEMA

No Brasil, quem abriu o caminho foi João do Rio, o cronista carioca que era ele mesmo um dândi à maneira de Wilde. A tradução dele saiu em livro pela Garnier em 1923, dois anos depois da sua morte, e continua sendo reeditada.

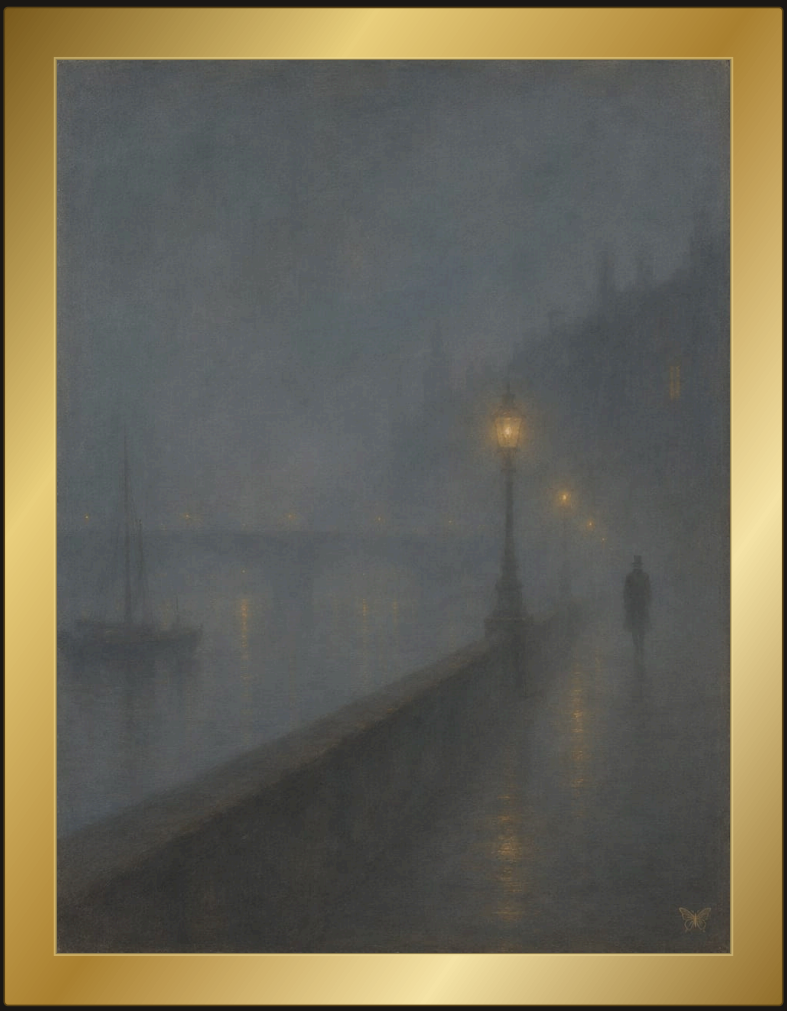
No cinema, a versão que ficou é a de 1945, dirigida por Albert Lewin, com Hurd Hatfield como Dorian e George Sanders como Lord Henry. O filme é em preto e branco, mas o retrato aparece em cores nas cenas-chave. A versão degradada do quadro foi pintada por Ivan Albright e pelo irmão gêmeo dele, Malvin, durante as filmagens. Angela Lansbury foi indicada ao Oscar como Sibyl Vane, que no filme é cantora de taverna e não atriz, e o diretor de fotografia Harry Stradling ganhou o Oscar da categoria.

POR QUE ELE CONTINUA DE PÉ

A ideia central é das mais simples da literatura: um quadro que envelhece no lugar do modelo. Wilde não precisa explicar como isso acontece, e não explica. O que ele faz é tirar dessa imagem tudo o que ela pode dar: a vaidade, o medo de envelhecer, a separação entre a cara que mostramos e o que fazemos, o preço de uma vida inteira vivida como espetáculo.

E faz isso com uma prosa que parece conversa de salão e de repente vira romance gótico, com quartos trancados, assassinato, chantagem e antros de ópio no cais do Tâmisa. É um livro que defende no prefácio que a arte não tem moral, e que termina com o castigo mais moral possível. Essa contradição é parte da graça. Wilde deixa as duas coisas de pé e não resolve nenhuma.

No meio disso tudo está Lord Henry, falando. Mais de um século depois, ele continua tendo resposta para tudo. ■



Noturno em azul e cinza: o cavalheiro do cais

À maneira de James McNeill Whistler

GRAMMATICA · PARA “O RETRATO DE DORIAN GRAY, O ÚNICO ROMANCE DE OSCAR WILDE”



CINEMA · ENSAIO

Nº 02 / 10

Cinema Paradiso, o filme que quase ninguém viu na estreia

Vi Cinema Paradiso com 15 anos e amei. O filme de Giuseppe Tornatore fracassou duas vezes nas bilheterias italianas antes de ganhar Cannes e o Oscar. Uma crítica de um filme sobre ver filmes, com as curiosidades da produção, as três...

10

POR PABLO MURAD

17 DE NOVEMBRO DE 2026

Vi *Cinema Paradiso* com 15 anos e amei.

O filme de Giuseppe Tornatore saiu na Itália em 1988 e, de cara, quase ninguém foi ver. Hoje está em toda lista de clássicos do cinema mundial. Esse caminho do fracasso ao Oscar é uma das muitas peculiaridades dele, e eu vou chegar lá. Antes, a história.

UM MENINO E UM PROJECIONISTA

Giancaldo é uma cidadezinha siciliana inventada, logo depois da Segunda Guerra. O pai de Salvatore, o Totò, foi para a frente russa e não voltou. O menino passa os dias no único cinema da cidade, o Cinema Paradiso, e principalmente na cabine de projeção, onde trabalha Alfredo, um projecionista mais velho, rabugento e bom. Alfredo tenta expulsar o menino, o menino sempre volta, e daí nasce a amizade que é o centro do filme.

Antes de cada estreia, o padre da cidade, don Adelfio, assiste ao filme sozinho e toca um sininho a cada beijo. Alfredo corta as cenas marcadas, e a cidade inteira cresce assistindo a romances em que ninguém se beija. A plateia vaia, Alfredo guarda os pedaços cortados, e o filme guarda essa informação para o fim.

Um dia, durante a sessão de uma comédia sobre bombeiros, o filme de nitrato pega fogo, o cinema arde e Alfredo fica cego.

Totò, ainda criança, assume a cabine do cinema reconstruído, o Nuovo Cinema Paradiso, pago por um napolitano que ganhou na loteria esportiva. Adolescente, Totò se apaixona por Elena, filha de um banqueiro, e vive com ela o primeiro amor. Alfredo, que conhece o mundo pelos filmes que projetou a vida inteira, empurra o rapaz para fora: vá embora de Giancaldo, não volte, não se deixe prender pela saudade.



Alfredo (Philippe Noiret) e o menino Totò (Salvatore Cascio) na cabine.



Don Adelfio (Leopoldo Trieste) assiste sozinho à sessão de censura.



O incêndio que cega Alfredo.



Totò adolescente (Marco Leonardi) e Elena (Agnese Nano).

Trinta anos depois, Salvatore é um diretor de cinema famoso em Roma. Recebe a notícia de que Alfredo morreu e volta para o enterro. É por essa volta que o filme começa e termina.

A SALA DE ESTAR DE UMA CIDADE

O que faz *Cinema Paradiso* ser tão bom é que o personagem principal talvez nem seja Totò. É a plateia. Tornatore filma o público de Giancaldo com o mesmo carinho com que filma a tela: tem o homem que dorme em todas as sessões, o que recita as falas antes dos atores, os casais que se formam no escuro, os meninos que espiam as cenas de amor. O cinema funciona como a sala de estar de uma cidade inteira, o único lugar onde todo mundo ri e chora junto.

A cena que melhor resume isso é a da noite em que a sala lota e sobra gente do lado de fora. Alfredo vira o projetor para a janela da cabine e a imagem atravessa a praça até a parede de uma casa. O filme sai do cinema e vai para a rua. É uma ideia de uma generosidade enorme, e é ali que a gente entende o que aquele homem fazia da vida.



A plateia de Giancaldo, o verdadeiro personagem do filme.



A noite em que o filme saiu do cinema e foi para a parede da praça.

A relação entre Totò e Alfredo também foge do óbvio. Alfredo é um pai substituto, mas não do tipo que segura o filho perto. O amor dele aparece como expulsão. Ele sabe que, se Totò ficar, vai virar outro Alfredo, preso numa cabine para o resto da vida, e prefere perder o menino a ver isso acontecer. Philippe Noiret faz esse homem sem nenhum sentimentalismo, e é justamente por isso que ele comove tanto.

AS PECULIARIDADES

Fracassou duas vezes. A estreia italiana, em 17 de novembro de 1988, foi desastrosa: em todo o país, o filme rendeu cerca de 100 milhões de liras. Em março de 1989 ele voltou às salas numa versão encurtada e foi retirado de cartaz depois de uma semana. Só em maio daquele ano, depois de ganhar o Grande Prêmio do Júri em Cannes, uma terceira estreia deu certo e o filme passou dos 2 bilhões de liras.

Existem três filmes. A primeira versão, de 173 minutos, foi mostrada num festival em setembro de 1988, com reações divididas. A estreia comercial italiana teve 155 minutos. A versão que correu o mundo, e que ganhou os prêmios, tem cerca de duas horas. Anos depois, a de 173 minutos voltou como versão do diretor, e ela muda bastante o filme: Salvatore reencontra Elena já adulta e descobre o que aconteceu de verdade com o namoro deles. A versão longa explica o que a curta deixa no ar, e vale ver as duas.

É quase autobiográfico. Tornatore nasceu em Bagheria, perto de Palermo, em 1956. O padre do sininho foi inspirado no pároco da igreja que ele frequentava quando criança, que mandava cortar as cenas escandalosas dos filmes. E Alfredo foi inspirado em Mimmo Pintacuda, fotógrafo e projecionista de Bagheria, amigo e mestre do diretor.

O cinema nunca existiu. A fachada do Cinema Paradiso foi montada na Piazza Umberto I, em Palazzo Adriano, uma cidadezinha do interior de Palermo, e desmontada quando as filmagens acabaram. O interior foi filmado dentro de uma igreja da mesma cidade, a de Maria Santissima del Carmelo. A fonte barroca que aparece em tantas cenas é de verdade, de 1608, e ainda está na praça.

Alfredo fala italiano com a voz de outro. O filme é uma coprodução entre Itália e França, e Philippe Noiret é francês. Na versão italiana, Alfredo foi dublado por Vittorio Di Prima.

A tela é uma aula de cinema italiano. Nas sessões do Paradiso passam *A terra treme*, de Visconti, *Arroz amargo*, *Umberto D.*, *Os boas-vidas*, de Fellini, *Bellissima*, *O grito*, de Antonioni, além de *Tempos modernos* e *No*



A Piazza Umberto I, em Palazzo Adriano, onde a fachada do cinema foi montada e depois desmontada.



O letreiro do Nuovo Cinema Paradiso, o cinema reconstruído.

tempo das diligências. Quem presta atenção vê o neorrealismo inteiro passar pela parede.

É o começo de uma parceria. A trilha é de Ennio Morricone e do filho dele, Andrea, e o tema de amor, talvez a música mais conhecida do filme, é creditado a Andrea. Foi o primeiro trabalho de Morricone com Tornatore, e os dois seguiram juntos até a morte do compositor, em 2020.

Ganhou quase tudo. Além de Cannes, levou o Oscar de filme estrangeiro, na cerimônia de 1990, e o Globo de Ouro da mesma categoria. No BAFTA, teve 11 indicações e ganhou cinco, entre elas melhor ator para



Um projetor italiano de 35 mm, da Cinemeccanica, de Milão.



O Paradiso fechado, à espera da demolição.



Salvatore adulto (Jacques Perrin) diante do presente de Alfredo.

Noiret e ator coadjuvante para Salvatore Cascio, o menino Totò. Foi o recorde de um filme em língua estrangeira no prêmio britânico até 2023, quando *Nada de novo no front* o superou. E o cartaz francês foi o último cartaz de cinema a ganhar um César.

O FINAL (COM SPOILER)

Se você ainda não viu, pare aqui e volte depois.

Salvatore volta a Giancaldo e encontra o Paradiso fechado, prestes a ser demolido para virar estacionamento. A viúva de Alfredo entrega a ele uma lata de filme que o velho deixou. De volta a Roma, sozinho numa sala de projeção, Salvatore assiste ao presente: Alfredo emendou, uma atrás da outra, todas as cenas de beijo que o padre mandou cortar ao longo de décadas.

Não tem fala. Só o rosto de Jacques Perrin, os beijos que a cidade nunca viu e o tema de amor dos Morricone por cima. Em poucos minutos, o filme fecha tudo o que abriu: a censura do padre, a amizade com Alfredo, o amor por Elena, a infância perdida e a própria ideia de cinema como uma coisa que se guarda para alguém. É um dos finais mais lembrados da história do cinema, e merece cada lágrima que tira.

Cinema Paradiso é um filme sentimental, e não pede desculpas por isso. A diferença é que a saudade dele tem um preço. A cidade envelhece, o cinema vira estacionamento, o amor se perde, e o próprio Alfredo diz ao menino para não olhar para trás. Tornatore faz um filme de nostalgia que também é um filme sobre ir embora. Talvez seja por isso que ele funciona em qualquer idade, inclusive aos 15 anos. ■



A cabine
À maneira de Edward Hopper

CINEMA · PARA "CINEMA PARADISO, O FILME QUE QUASE NINGUÉM VIU NA ESTREIA"

QUEM ESCREVE



PABLO MURAD EDITOR-CHEFE NESTE NÚMERO

Dev e escritor por hobby.

SITE pablomurad.com
OCCULT pablo.space



HENRIQUE MURAD NESTE NÚMERO

Slasher e Giallo.

BLOODSTAGE bloodstage.com/#landing
LETTERBOXD letterboxd.com/Henrique_Murad

02

COLOFÃO

NÚMERO	Nº 02, novembro de 2026
PUBLICADO	18 de novembro de 2026, em noctem.art
IMPRESSO	Composto em 18 de novembro de 2026 a partir dos ensaios como estão no site.
TIPOS	Newsreader, da Production Type, e Big Shoulders Stencil, de Patric King, ambas sob a SIL Open Font License.
IMAGENS	Estênceis, serigrafias e quadros que nunca existiram, feitos para cada ensaio. A capa passa todos pela tela mais uma vez.
EM CASA	Edição em livreto: noctem-02-booklet.pdf. Imprima em A4 frente e verso, virando pela borda curta, dobre a pilha ao meio e grampeie no vinco.

NOCTEM.ART

Doze portas numa só parede. Cada ensaio entra por uma delas.



